

Introdução à Teologia Sistemática

Natureza e Propósito, Existência de Deus, Revelação, Trindade

Panorama do Estudo:

Neste texto, procurar-se-á oferecer ao aluno uma introdução à temática da teologia sistemática nos aspectos de sua natureza e seu propósito, como também uma breve análise dos conteúdos de revelação, a existência de Deus, e da doutrina da Trindade. Este estudo é apenas um levantamento inicial, pois para cada assunto levantado há muito mais para se dizer e analisar. Lembra-se ao aluno que o texto essencial para ser estudado é a própria Bíblia. A teologia sistemática, tem como interesse sistematizar o conteúdo teológico da mesma para transmitir suas verdades de forma coerente e organizada.

Mesmo que o esforço da sistemática é de resumir e organizar o ensino bíblico, haverá sempre a necessidade de recorrer ao texto bíblico por pelo menos três razões: 1) a falácia e limitação humana em resumir e categorizar todo o ensino teológico da Bíblia; 2) a responsabilidade do indivíduo em averiguar de acordo com a própria Bíblia a certidão dos ensinos transmitidos; e 3) a riqueza da narrativa bíblica em transmitir verdades teológicas através de eventos revelacionais, os quais não se classificam de forma natural em listas e definições sistemáticas, mas no quotidiano do indivíduo e do povo (essas formas comunicativas encerram ensino teológico nas interações humanas e divinas, como também no revelar as pressupostos teológicos com os quais os personagens trabalham).

A riqueza e a amplitude do texto bíblico, bem como o seu caráter e seu estilos literários dificultam toda e qualquer tentativa de sistematizar o seu ensino. Para desta dificuldade tem a ver com a necessidade de cada indivíduo aplicar a teologia à sua realidade específica. Não basta ter as respostas de outras épocas concernentes às dúvidas e inquietações de outros contextos. Importa saber aplicar o conhecimento teológico para dar resposta apropriada aos assuntos do dia e da vivência do indivíduo.

Ter uma noção correta sobre a Trindade de Deus não responde de forma devida as inquietações referentes às práticas mediúnicas entre os espíritas no Brasil. Ao mesmo tempo pode-se encontrar uma resposta à necessidade da prática mediúnica ao compreender melhor o amor de Deus Todopoderoso para com o indivíduo e da necessidade que o ser humano tem de depender e confiar nos planos de Deus. Esse aspecto da teologia ajuda o indivíduo, então, a formular a sua resposta ao seu contexto específico. A conteúdo da teologia não muda, mas a sua aplicação e as suas dúvidas devem sempre ser contextualizadas devidamente.

Livros Textos:

Indica-se os seguintes livros para um acompanhamento do estudo aqui elaborado. Apresentar-se-á neste trabalho não um resumo do conteúdo elaborado pelos autores referenciados, como

também uma crítica a certas posições tomadas. Cabe ao leitor analisar as propostas e elaborar as suas próprias propostas. Lembra-se que nenhuma caixa é grande o suficiente para conter a Deus. Toda teologia sistemática bem fechada, então terá problemas em apertar suas definições. Conhecer a Deus é impossível aparte de auto-revelação divina e relacionamento íntimo com Deus. Nunca chegará a ser um estudo clínico e científico, pois Deus é muito maior e além da compreensão do ser humano. Diálogos com perspectivas e propostas diversas ajudarão o leitor a ter uma compreensão melhor de Deus.

BAILLIE, Donald M. *Deus Estava em Cristo: Ensaio Sobre Encarnação e Exiação*. Tradução de Jaci Correia Maraschin. Rio de Janeiro: JUERP/ASTE, 1983. (original em inglês, 1955). (páginas 152-168).

ELWELL, Walter A., editor. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, volume II, E-M*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1990. (original em inglês, 1984). (páginas 576-577).

ÉRICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. traduzido por Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. (Original em inglês, 1992). [Esta obra é um resumo simplificado da obra mais completa *Christian Theology*.]. (páginas 15-106, 127-139).

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. Traduzido por Géron Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Edições Vida Nova, 1994. (Original em inglês, 1988). (páginas 42-50, 55-62, 79-87, 104, 116-118, 126-132, 176-182, 185-212, 217-218, 251-263, 270-278, 311-314).

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. Traduzido por Norio Yamakami, Lucy Yamakami, Luiz A. T. Sayão, e Eduardo Perreira e Ferreira. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999. (Original em inglês, 1994). (páginas 1-104, 165-197).

KEELEY, Robin, organizador. *Fundamentos da Teologia Cristã*. Traduzido por Yolanda Krievin. São Paulo: Editora Vida, 2000. (Original em inglês, 1992). (páginas 109-116).

Introdução Geral:

É necessário antes de começar o estudo teológico propriamente conhecer o ponto de partida. Na tarefa teológica, procura-se expressar de forma nítida e detalhada a natureza de Deus, os seus planos para com a humanidade, e a resposta devida do homem em relação a Deus. Como Deus é além da criação, não é possível conter a Deus dentro de uma caixinha bem definida. Deus é maior que a compreensão humana, logo o esforço para definir a Deus é de início impossível.

Da origem grega, a palavra teologia quer dizer simplesmente “palavras sobre Deus”. É mais especificamente a disciplina referente ao estudo de Deus. Começa-se, portanto definindo os procedimentos de pesquisa, bem como a definição da matéria. Sendo Deus a matéria, há de início sérios problemas a serem resolvidos.

“Definir” literalmente quer dizer, “colocar limites”. Assim, a tarefa da teologia é de oferecer parâmetros definidos para explicar e comunicar verdades referentes ao infinito. Qualquer descrição que se possa fazer será falha, pois a tarefa é de início impossível. Como já fora dito, a tarefa é impossível por questão da infinitude de Deus, mas também a consequência da finitude humana. Em decorrência da finitude humana, há também a questão do ponto de partida do indivíduo. Todo indivíduo começa o esforço investigativo com algumas bases preliminares. Estas bases são consideradas com não precisando terem necessidade de apôio comprovatório, pois são aceitas como premissas dadas e incontrovertidas.

As premissas com as quais cada indivíduo trabalha, porém, diferem de indivíduo a indivíduo, especialmente deparando-se com culturas e cosmovisões diversas. Por causa do mesmo se

procurará aqui delinear algumas das premissas ou pressupostos do autor, bem como algumas diretrizes hermenêuticas que serão aplicadas no trascurso deste estudo. Estas últimas são necessárias por causa da dependência no texto bíblico para a tarefa teológica à mão. Dar-se-á neste estudo todo cuidado para pesquisar as bases exegéticas para cada referência e apôio bíblico que vem sendo sugerido. Não será possível concluir esta tarefa, mas no possível será feito o esforço adequado.

Pressupostos Teológicos:

Segue uma lista parcial dos pressupostos interpretativos do autor desta obra. É essencial em todo esforço interpretativo bíblico e teológico estabelecer o ponto de partida do intérprete. Esses pressupostos informarão o processo deste estudo bem como os seus resultados finais. Mesmo que seja a intenção do autor ajudar o leitor e aluno no processo de formar a sua própria teologia, os seus pressupostos informam e guiam todo o processo. Não é possível colocar aqui todos os pressupostos do autor, pelo simples fato do indivíduo não saber delinear todos os pressupostos com os quais trabalha. Muitos deles são ocultos demais para poder alistar conscientemente. Espera-se aqui poder colocar o mais claro possível o ponto de partida do autor. Os pressupostos teológicos deste autor incluem os da lista a seguir:

- ◆ O autor pressupõe que o enfoque bíblico é por natureza teológico e deve ser lido dentro deste enfoque.
- ◆ O texto bíblico é a fonte de autoridade para fé e prática (princípio essencial dos batistas).
- ◆ Um texto deve ser lido dentro do seu próprio contexto, procurando sua mensagem contextual¹.
- ◆ Somente depois de tratar o que um dado texto diz por si mesmo, deve-se comparar sua mensagem com a de outro texto.
- ◆ O pano de fundo veterotestamentário deve ser visto como fundamental à compreensão do Novo Testamento, secundário em importância apenas a quaisquer alterações colocadas por Jesus.
- ◆ Um texto difícil não deve receber o peso teológico dado a um texto claro.
- ◆ Em alguns casos, a interpretação exata do texto bíblico não ficará clara, mesmo com muito estudo detalhado.
- ◆ O uso de comentários, dicionários e outros livros é de ajuda no estudo de uma passagem, porém deve sempre tomar lugar secundário ao estudo do texto bíblico por si mesmo.²
- ◆ O tipo literário de uma passagem implica na sua interpretação apropriada.
- ◆ Quando se encontra um texto que aparentemente não apóia um conceito teológico, o texto está sendo mal-interpretado, ou o conceito teológico deve ser reformulado até que esteja conforme com a mensagem bíblica³.
- ◆ A teologia é um estudo sempre em andamento, pois o homem é finito e não chega a um ponto de compreender plenamente o infinito.
- ◆ O texto bíblico apresenta Deus muito mais através do que faz, do que por meio de descrições abstratas e proposicionais.
- ◆ Não se deve separar teologia do conceito de revelação, pois é somente pela auto-revelação de Deus que se pode conhecer a Deus.

¹ Veja KAISER, *TaET.*, 133, 140, 187, 199.

² Veja SILVA, 171.

³ Veja HARBIN, L. *ESnBHI.*, 17.

- ◆ Não se deve forçar um conceito neotestamentário sobre um texto qualquer que não apresenta o mesmo ensino.⁴
- ◆ Não se deve forçar um texto bíblico dentro de um molde teológico.⁵
- ◆ É importante lembrar que as traduções atuais da Bíblia estão, em geral, baseados em tradições de traduções primitivas de homens bem intencionados, mas que estavam apenas começando a estudar a Bíblia e, portanto, deve-se sempre que possível recorrer às línguas originais.
- ◆ A fé exige aceitar um compromisso com Deus, mesmo quando não se conhece plenamente todo aspecto das exigências do compromisso, nem de antemão as respostas aos questionamentos teológicos.⁶
- ◆ As perguntas essenciais a serem feitas ao texto bíblico são “Quem é Deus?”, “Quem sou eu?” e “O que Deus quer comigo?”.

A Bíblia Como Base Para a Teologia:

Como a Bíblia será nosso livro texto mais imediato, conforme estudos exegéticos de várias passagens, certos comentários iniciais se fazem necessários. Grande parte das seguintes anotações provêm da apostila do mesmo autor com título *Teologia das Narrativas*. Estas anotações tem sido em pouco modificadas para inclusão no presente documento. Servem de um guia para o tratamento teológico do texto bíblico, em sentido de uma hermenêutica apropriada. O processo adequado para a leitura e o estudo do texto bíblico é de certa forma bem complexa, mas o essencial é realmente ler o texto bíblico em sua integridade muitas vezes.

Ajudas hermenêuticas e fatos referentes à história, línguas, e contextos sociais ajudam a apontar o leitor na direção certa para fazer uma boa exegese. Nada disso valerá a pena, portanto, se o leitor omitir uma leitura cuidadosa do próprio texto bíblico. No final das contas, o leitor tem a responsabilidade de averiguar todas as informações passadas à luz do próprio texto bíblico. No campo da teologia nada é diferente. Deve-se ouvir e ler o que dizem os teólogos, mas logo é necessário trazer tudo de volta frente à leitura do texto bíblico. A Bíblia deve ser tanto o ponto de partida do exercício teológico, como também o ponto de retorno para verificar as conclusões obtidas.

Devidamente, Grudem (2) trata de que a teologia sistemática se aproveita do estudo da teologia do Antigo Testamento, da teologia do Novo Testamento e da teologia bíblica, consequentemente tentando sistematizar o conteúdo detalhado a partir dessas disciplinas. Existe aqui, portanto, uma preocupação para assentar bem firme algumas considerações referentes a estas bases disciplinares na abordagem teológica da sistemática. É expressamente necessário lembrar que o esforço da teologia sistemática deve depender do estudo criterioso do texto bíblico, aproveitando bem as investigações exegéticas feitas sobre o texto bíblico. É nesses termos, portanto, que se oferece aqui as seguintes colocações introdutórias em sentido de montar ou definir o guia hermenêutico a ser estabelecido e proposto.

É esta proposta hermenêutica que servirá de base para o esforço teológico decorrente. Espera-se chegar a ler o texto bíblico de acordo com as suas próprias normas, sem forçá-la a se encaixar dentro de um padrão pré-estabelecido. Esse esforço, porém, deve ser avaliado em todo ponto,

⁴ Veja HARBIN, L. *ESnBHI*, 19 e KAISER, *TaET*, 133, 187.

⁵ “A teologia não deve reformular a Escritura, porém a exegese da Escritura sim deve reformular a teologia” (NEUSNER, xii).

⁶ Veja SCALISE, 17-18.

pois havendo falhas em qualquer etapa da investigação, o resultado final refletirá essas eventuais falhas metodológicas nas suas conclusões.

Ênfase Teológica do Texto Bíblico:

Ao olhar para a questão do uso da Bíblia na teologia, deve-se lembrar que o Antigo Testamento é indispensável para a teologia, especialmente considerando a sua função de assentar o fundamento teológico dos autores do Novo Testamento. O Antigo Testamento era a Bíblia para Jesus e os seus discípulos. Comumente citavam o Antigo Testamento para fornecer base para seus posicionamentos teológicos. Como destaque, lembramos que livro de Apocalipse tem mais referências e alusões ao Antigo Testamento do que contém versículos. Sem um estudo cuidadoso do Antigo Testamento, muitas partes do Novo Testamento se tornam simplesmente incompreensíveis⁷.

Jesus reivindica ter vindo expressamente não para abolir a lei, mas para cumpri-la⁸. A crítica maior de Jesus lançado aos fariseus e saduceus não tinha a ver com a Torá (apelação dos judeus para o Pentateuco, comumente traduzido como “lei”), mas tinha a ver com as suas tradições referentes à mesma. Estas “tradições dos anciãos” vinham anulando a Torá, conforme a perspectiva de Jesus. Em resposta, Jesus dá uma nova ênfase e força à Torá⁹. Logo a instrução da lei é revigorada no ministério de Jesus e ganha uma abrangência maior. É proveitoso lembrar, porém, que a lei por si é forçosamente declarada como não sendo salvífica.

Melhor tradução do termo hebraico “Torá” (**תּוֹרָה**) seria realmente “instrução”, não “lei”, pois a Torá é a instrução de Deus para que o homem conheça como deveria de viver¹⁰. Desde Gênesis, o Antigo Testamento vem reivindicando que a salvação é pela fé mediante a graça—já desde os dias de Abrão¹¹. Pela Torá é dada a manifestação de como viver na condição de povo de YHWH.

Pode-se afirmar que “a religião do Antigo Testamento como um todo firma-se na fé na graça divina”¹². “Será que esta história bíblica registrada pode ser a fonte de significado e unificação teológicos?¹³. “A unidade [veterotestamentária] é de uma fé contínua de que *YHWH* (**יְהוָה**) é o Deus de Israel, que sua personalidade é tão real e viva como a do homem, que o relacionamento entre a personalidade corporativa de Israel e a Pessoa Divina é moral, e que nenhuma outra divindade tem qualquer valor”¹⁴.

Kaiser afirma que é preciso fazer “a exegese do texto individual à luz de uma teologia total do cânon”, porém para fazer isso é preciso primeiramente “identificar um padrão normativo”¹⁵. Identificar uma teologia total do cânon é um trabalho no mínimo difícil em extremo. Tem sido alegado até, que uma teologia nem é apresentada no cânon do Antigo Testamento, apenas idéias

⁷ A exemplo, João 3.13-15 depende de compreender a passagem em Números 21 à qual Jesus faz referência. O livro inteiro de Hebreus não faz nenhum sentido se não houver uma compreensão da lei sacrificial do Antigo Testamento.

⁸ Mateus 5.17.

⁹ Mateus 15.1-9 e 5.27-28.

¹⁰ HOUTMAN em WOUDE, 166 e LASOR, 3.

¹¹ Gênesis 15.6 e Romanos 4.3.

¹² ROBINSON, 31.

¹³ KAISER, *TdAT*, 27.

¹⁴ ROBINSON, 36.

¹⁵ KAISER, *TdAT*, 8.

religiosas isoladas, porém não sistematizadas¹⁶. Assim uma teologia abrangente especificada seria o produto de uma sistematização externa ao texto.

Por outro ângulo de estudo sistemático do Antigo Testamento, poderia-se apontar para o propósito básico das narrativas, sendo este em tese a identificação e vontade de *YHWH*—Aquele que chamou o mundo para existir, formou a humanidade¹⁷, e dentro dessa humanidade um povo particular¹⁸, por intermédio do qual procura revelar-se à humanidade por completo¹⁹.

Assim também, pergunta-se referente à própria necessidade de uma sistematização temática para teologizar o texto do Antigo Testamento, ao invés de empregar a estratégia da própria Bíblia, que organiza sua apresentação de acordo com os “grandes atos reveladores de Deus”, registrados para apreciação e reflexão teológica nas narrativas²⁰. Desta forma, começa-se a perceber elementos de apreciação teológica em comum entre narrativas, ainda que não um “elo sistematizador” ao padrão do ideal de Kaiser. É de lembrar que qualquer esforço teológico sistematizador sempre encontrará limites para sua formulação, pois o homem não pode conter o infinito por razão dos seus próprios limites. A teologia depende da revelação divina outorgada à humanidade para sua redenção, quer seja teologia vetero- ou neotestamentária.

“A religião do Antigo Testamento é, a seu modo, uma religião de redenção tanto quanto a do Novo Testamento”²¹. A religião de Israel “descansava numa decisão voluntária que estabelecia uma relação ética entre o povo e seu Deus por todo o tempo”²². Tal incluía a vivência ética e moral do povo entre si. Livros como Provérbios e Eclesiastes têm como objetivo principal aplicar a moralidade e a justiça apresentada ao cotidiano prático, possibilitando o fiel a viver segundo a instrução do criador. “Foi esta intensidade moral, então, que mais do que qualquer outra coisa, ergueu a religião de Israel acima de todos os seus contemporâneos, e lhe deu o poder para assimilar contribuições estrangeiras, sem a perda de sua força e continuidade natural”²³.

Em contraste aos povos ao seu redor, apenas no culto hebreu existia “o conceito de que todo o ritual do sacrifício permanece na circunferência da religião”. Para o hebreu, os rituais cílticos expressos supremamente no ritual sacrificial “contém em si apenas o significado de um símbolo”²⁴. Nem todos de Israel compartilhavam deste conceito, porém a idéia era tida pelos conhecedores de Deus entre o povo—coisa que noutras partes e outros povos não existia por razão de seu desconhecimento d’Ele.

Nas narrativas bíblicas identifica-se a *YHWH*, o Deus de Israel, como sendo “o agente num evento histórico, intimamente afetando o futuro de Israel”—revelado e identificado não por uma elaboração proposicional sistemática, mas através do seu agir entre o povo²⁵. É esta identificação dos feitos de *YHWH* nos eventos relatados que forma algo da essência da inspiração do texto, não o feito do texto relatar os acontecimentos descritos. As narrativas interpretam a história da intervenção de *YHWH* na vida do seu povo. É esta interpretação dos acontecimentos que tanto

¹⁶ DAVIDSON, A., 11.

¹⁷ Gênesis 1.26, 2.7, 5.1.

¹⁸ Gênesis 12.1-2; 22.16-18; 50.24; Éxodo 6.6-8.

¹⁹ Éxodo 19.3-6; Josué 2.9-11.

²⁰ HARBIN, L., *TATT*, 12.

²¹ ROBINSON, 32.

²² BUDDE, citado em ROBINSON, 39.

²³ ROBINSON, 43, 45-46.

²⁴ SELLIN citado em ROBINSON, 49.

²⁵ ROBINSON, 51.

importa para o leitor do texto, pois formam a impressão teológica canônica referente à identidade e às intenções de *YHWH*.

Pressupõe-se a existência de Deus no mundo dos antigos hebreus e seus povos vizinhos. A questão é a identidade desse Deus, *YHWH* em particular²⁶. “Assim o israelita chega à interpretação da história, e, eventualmente, da natureza, com uma fé axiomática²⁷ em *YHWH*. Quando ele descobriu, como comumente fazia, que a sua idéia do caráter e da atitude de *YHWH* não explicava adequadamente o que acontecia, ele tinha que revisar os conteúdos da própria idéia, assim dando um passo para a frente no desenvolvimento religioso”²⁸, não que essa revisão tenha sido feita a sós. Essa tal “evolução” ou reformulação teológica não é nem foi uma processo aleatório sem direcionamento. Em nada é um processo desvinculado à ação divina. É o fruto da revelação de *YHWH* referente à sua própria identidade e ação no mundo.

Os portavozes de *YHWH* anunciaram, então, a mensagem recebida aos poucos por revelação do Criador. Assim anunciam através de suas narrativas o que vinham aprendendo do caráter de *YHWH*, mesmo sendo sua compreensão do Revelador limitada. A criatura simplesmente não pode compreender²⁹ plenamente o Criador, sendo limitada por questão de sua própria finitude e incapacidade. Mesmo que o homem é limitado, permanece que é o caráter de *YHWH* que brilha através das narrativas em contraste ao caráter dos “deuses” dos povos vizinhos³⁰. Aos poucos *YHWH* vinha se revelando mais e mais claramente através dos seus profetas, mostrando-se ser ético, pedindo muito além de meros sacrifícios uma retidão moral, levando o povo a aceitar que os *elohim* (אֱלֹהִים), que o profeta chega a afirmar serem nada mais do que madeira³¹ não “chegavam aos pés” de *YHWH*.

Imposições Teológicas:

Um problema a ser evitado no tratamento de textos bíblicos e no próprio desenvolvimento da teologia sistemática é o da imposição de posições teológicas ou doutrinárias sobre textos que por si não refletem o dado posicionamento. É comum, por exemplo, procurar fundamentação em textos do Antigo Testamento para ensinar conceitos teológicos do Novo Testamento, como a trindade de Deus³² e o personagem de Satanás. “Deve ser o primeiro objetivo [interpretativo] descobrir quais eram as perspectivas dos profetas e outros escritores do Antigo Testamento..., e tomar cuidado para não impor conceitos neotestamentários sobre tais perspectivas”³³.

Kaiser dá um bom tratamento deste problema de imposição teológica, citando falácias comuns que abusam de textos bíblicos³⁴. O aspecto essencial da tarefa é de simplesmente deixar que o texto explique os princípios intencionados pelo seu autor e/ou redator. Em lugar do leitor procurar uma mensagem sobre Cristo em todo texto veterotestamentário, deveria procurar entender qual a intenção do narrador da passagem. De outra forma o leitor estará fazendo

²⁶ DAVIDSON, A., 30-31.

²⁷ Por “fé axiomática”, entende-se uma fé que aceita sua fundamentação ser tão sólida que não necessita de explicação ou provas.

²⁸ ROBINSON, 54.

²⁹ Colocar limites e definições que encerrem a identidade do estudo.

³⁰ LASOR, 23.

³¹ Isaías 37.19.

³² Calvin trata textos como Gênesis 1 e Isaías 6.3 como “prova fraca e espúria” para sustentar a doutrina da Trindade, sendo essa de caráter merecedor de melhor embasamento (GEORGE, 199).

³³ DAVIDSON, A., 11.

³⁴ KAISER, *TaET*, 132 e 188-193.

isegese (impondo alguma perspectiva *sobre* o texto) e aproveitando o texto meramente como pretexto de extrapolar o seu próprio pensamento.

A tarefa do intérprete bíblico é de encontrar a mensagem do autor do texto à mão, para depois encontrar os princípios desta mensagem que se aplicam à sua própria vida. Ler e estudar o texto desta forma exige mais tempo e dedicação, porém os resultados são também mais valiosos. Para o teólogo é indispensável que se leia o texto à sua própria luz, procurando discernir entre o que o texto declara e aquilo que o leitor quer que o texto diga. Esta tarefa é contínua, pois todos trazemos pressupostos teológicos ao texto bíblico.

Como exemplo, não se deve procurar textos que ensinam uma perspectiva trina de Deus quando se trata de textos do Antigo Testamento. Já antes de Jesus conhecia-se a Deus no sentido de Pai—tal aspecto divino na Bíblia não vem a designar a Deus em relação a Deus Filho, como se entende popularmente hoje. A designação de Deus como Pai era feita em termos de Seu relacionamento com a humanidade ou povo escolhido. Foi Jesus, porém, que esclareceu conceitos a respeito do Espírito Santo (ou, mais precisamente traduzido como “Espírito do Santo” ou “Sopro do Santo”) para que se chegassem à compreensão do Espírito em termos de ser a terceira “Pessoa” da trindade.

Jesus veio após a composição do Antigo Testamento. O fato de ser Jesus quem ensinou de forma concreta sobre o Espírito Santo, limita o leitor a passagens do Novo Testamento que ensinam a respeito desta doutrina cristã em termos de ensino específico sobre a trindade. Pode-se encontrar passagens no Antigo Testamento que *apóiam* ou fornecem base para a doutrina, mas não que a ensinem. A revelação superior (ensino específico referente ao Espírito Santo e ao Filho) veio em Cristo Jesus³⁵. As bases para entender o conceito da trindade aparecem no Antigo Testamento, porém a essência deste ensino veio somente em Cristo.

Imposições Filosóficas:

É importante destacar a necessidade de deixar de lado considerações filosóficas que divergem da perspectiva hebraica. Por isso, refere-se à forma de usar palavras na expressão de conceitos tais como verdade, eternidade, imortalidade, vida, matéria, ciência, perfeição, etc.. A herança filosófica ocidental moderna tem muito mais vínculo com conceitos gregos do que com as cosmovisões hebraicas refletidas na Bíblia. A Bíblia retrata a Deus em termos relacionais, assim o conceito bíblico é de que deveria se pensar em Deus de forma relacional em vez de forma proposicional^{36 37}. Também os termos teológicos da Bíblia giram mais em torno de tensões dinâmicas³⁸ do que em posições estáticas, as quais são mais comuns na atualidade.

Uma cultura usa palavras para expressar conceitos, porém os conceitos sendo expressos por palavras parecidas podem ser muito diferentes de uma cultura para outra. A definição dos termos deve levar em consideração o conceito que o termo é usado para expressar. Logo, o hebreu usava o termo coração para expressar o centro decisivo de sua vida, o que se expressaria no

³⁵ João 14:16.

³⁶ LEVENSON, xxi.

³⁷ Por proposicional, entende-se que Deus é estudado como um objeto em laboratório, enquanto a forma relacional insiste na convivência da experiência vivida baseado no relacionamento e dependência. Assim, *YHWH* não pode ser definido, mas se revela àquele que o entrega sua vida em fé e dependência.

³⁸ Tensiona-se os conceitos da justiça de Deus com sua misericórdia, sua bondade com sua severidade.

Brasil com o uso do termo “mente”. Em compensação, no Brasil se usaria o termo “coração” para expressar o centro emotivo da vida, enquanto o hebreu normalmente expressaria o mesmo com o termo “entradas”, ou “intestinos”.

Relacionado a essa diferenciação terminológica, encontram-se conceitos que podem prevalecer numa cultura e nem existir noutra. Nos Estados Unidos, tem-se aprendido que o termo espanhol “mañana” quer dizer “amanhã”, porém o seu sentido real seria expresso melhormente em muitos casos por “não hoje”. A dificuldade é que no inglês não existe um termo equivalente, principalmente porque o tempo é avaliado e valorizado de forma divergente da forma hispânica.

Destacam-se como exemplos de divergências filosóficas entre os hebreus e o tratamento geral do ocidente os pontos que seguem. Esta lista não tem pretensão de ser exaustiva, porém serve como guia para a avaliação de distinções filosóficas.

O conceito hebraico de “nada” está mais ligado a expressões de desordem, injustiça, morte e enfermidade do que a um vácuo³⁹. O conceito aristoteliano de perfeição estética e imutável contrasta com perspectivas bíblicas de um Deus que sofre com a iniqüidade humana e responde a necessidades e contextos em mudança⁴⁰. Utiliza-se hoje muito o conceito grego da composição do homem em compartimentos de corpo, alma e espírito, enquanto o conceito hebraico trata do homem como uma unidade⁴¹. Pensa-se na atualidade ocidental que o conceito da criação destaca o processo da origem da matéria e estrutura física do universo. Na perspectiva dos povos do oriente antigo, o conceito destacava a ordenação de um cenário que pudesse sustentar a vida. Relacionado com essa diferença, encontra-se o conflito entre a noção comum de o universo ser uma certa espécie de máquina autônoma e o conceito bíblico de o universo depender da contínua solicitude divina⁴².

Pesquisa científica sobre a origem do mundo retrata o conceito de uma estruturação mecânica do universo, enquanto era visto pelos antigos como uma vitória após uma grande batalha contra os agentes do caos⁴³. Enquanto se pensa hoje em termos proposicionais como de Deus ser “eterno” num sentido estático, o pensamento hebraico o classificaria em termos de continuidade⁴⁴. O texto bíblico revela comumente um conceito de criação dentro dos confins de uma situação de vida, em contraste com o tratamento teórico e filosófico da norma atual⁴⁵. Muitos reivindicam a soberania absoluta do Criador sobre a criação recalcitrante, enquanto na Bíblia tal seria uma declaração de fé, uma perspectiva de confiança futurística em Deus, mesmo que a polêmica permaneça semi-aberta⁴⁶. A declaração bíblica de uma confiança no caráter e poder de Deus é uma declaração de fé—“Eu sei que o meu Redentor vive!”⁴⁷.

Mencionada a preocupação com o problema de impor perspectivas científicas e filosóficas sobre o texto bíblico, é importante ressaltar que o enfoque da interpretação do texto deve ser o de chegar a compreender a intenção do autor bíblico. Não se pode chegar a um texto com a mente vazia, porém, deveria se vigiar para não impor perspectivas alheias sobre o texto à mão. Esta é uma tarefa árdua no mínimo, porém muito valiosa.

³⁹ WENHAM, G., 15-16 e LEVENSON, xxi, xxix.

⁴⁰ LEVENSON, xxv.

⁴¹ Gênesis 2.7.

⁴² LEVENSON, 12.

⁴³ *ibid.*, 69.

⁴⁴ HARBIN, L., “RE: Éxodo 3”.

⁴⁵ LEVENSON, 91.

⁴⁶ BRUEGEMANN, 20-21.

⁴⁷ Jó 19.25.

Tipo de Linguagem:

Outra forma comum de se impor noções estranhas sobre um texto deve-se à falha em desrespeitar o tipo de linguagem empregado pelo autor de uma narrativa. Interpreta-se uma parábola partindo do pressuposto de que não se trata da descrição de um evento histórico específico. Ninguém procura investigar a identidade e os eventos histórico-específicos do pai e os filhos da parábola de Jesus sobre o filho perdido em Lucas 15.11-32. Não se procura as particularidades históricas, pois entende-se claramente que não se trata da crônica de um evento específico, mas a descrição de um evento genérico fictício que retrata uma verdade.

De forma parecida, não se procura identificar o dono de uma ovelha e o rico da passagem de 2^a Samuel 12.1-6. Davi até entendeu que a descrição do profeta era uma descrição histórica, precisa. Tal interpretação dada por Davi foi um erro de interpretação da parábola do profeta. O profeta aparentemente até queria que Davi interpretasse mal a parábola, porém, estava junto para oferecer a explicação ao rei no momento do erro interpretativo. No caso, a parábola tinha o propósito de revelar a qualidade do erro do próprio rei.

Se Davi houvesse interpretado corretamente a parábola, teria dito ao profeta já no versículo seis, “O que farei agora que cometi tamanho erro e ainda mais está morto o dono da ovelha?” ou teria mesmo ignorado o discurso por sentir-se acima da repreação do profeta. Houve, porém, uma falha de interpretação por não reconhecer o tipo de linguagem empregada pelo profeta. Neste caso, a falha interpretativa foi intencionada pelo próprio profeta para efeito de convicção que causaria. No entanto, esse problema pode suceder também ao intérprete do texto bíblico na atualidade. Se o intérprete não perceber o tipo de linguagem empregada pelo autor do texto, pode chegar a distorcer a intenção e a mensagem do texto.

Normalmente uma leitura cuidadosa já indica para o leitor o tipo de linguagem que está sendo empregada, mas nem sempre isso é tão óbvio por causa das próprias expectativas do intérprete. Em Éxodo capítulo doze, espera-se pelo contexto uma continuação da linguagem descritiva que vem sendo empregada desde o capítulo primeiro. Espera-se ver no capítulo uma crônica dos acontecimentos da noite da primeira celebração da páscoa. Se o leitor ler com cuidado, porém, perceberá que o tipo de linguagem sofre uma modificação da crônica histórica. No versículo 10, fala-se de não deixar a carne do cordeiro ficar até a manhã, mas deveria-se esperar uma crônica dos eventos da noite na qual o povo saiu do Egito à meia-noite! O versículo 15 trata de o povo não poder comer pão com fermento sob a pena de ser cortado de Israel. Israel ainda não existia, e o povo ainda estava no Egito! Entende-se também que a ordem para comer pão não levedado por sete dias remontava à experiência da fuga corrida quando não havia tempo para que a massa do pão crescesse antes de assá-lo.

Fica claro, portanto, que um texto foi inserido dentro da descrição histórica do evento que espera-se encontrar neste capítulo. Éxodo 12.1-20 muda o tipo de linguagem empregada, mesmo que não ofereça um alerta ao leitor referente à mudança. Inserida aqui, encontra-se a descrição da fórmula da celebração do povo de Israel referente à sua participação no memorial do evento referido, atuando como comentário oferecido em conjunto com a descrição histórica. Encontra-se, então, um texto litúrgico no meio de uma descrição histórica⁴⁸. No versículo 21, o texto retoma a narrativa crônica do evento, o texto sofrendo outra modificação no tipo de linguagem. A intenção do autor não era criar confusão, mas de ligar a prática ritual da celebração ao fato

⁴⁸ DURHAM, 158.

(01-01-2006)

©Copyright 2001 Christopher Byron Harbin Todos os direitos reservados.

p. 10 de 35

histórico para o qual aponta. Respeitando o tipo de linguagem empregada, vê-se a intenção do autor e a interpretação devida é clarificada.

É comum encontrar linguagem figurada ou simbólica que apresenta uma verdade (comunica), mesmo que a forma de expressão fuja de padrões normativos. Não há confusão, desde que se comprehende que a linguagem empregada não pretende comunicar de forma literal. Um anúncio no jornal leva a foto de uma jovem que tem um cabo paralelo fixado na testa. O anúncio trás junto com a foto as palavras “ULBRANET. Ligue-se já”⁴⁹. Outro anúncio no jornal mostra um gafanhoto arrancando uma mordida de uma peça metálica automotriz, com a frase “Cuidado com a peça bichada”⁵⁰. Outra página mostra um carro esportivo saindo de dentro de uma tela de computador com o título, “Caia na rede”⁵¹.

Nenhuma destas frases comunica por meio de uma interpretação literal das palavras, mas em associação com usos figurativos dos termos. Conhecendo o contexto a mensagem pode tornar-se clara, desde que se respeite a classificação literária (anúncio publicitário) e o sentido figurativo das palavras empregadas.

Uma boa leitura bíblica deve respeitar as mesmas questões descritas acima, para que se possa apreciar o sentido intencionado pelo narrador do texto. Há que discernir entre linguagem poética, ironia, crônica e parábola. Para cada qual deve-se aplicar sua interpretação apropriada. O problema maior no contexto bíblico é de delinear o tipo de linguagem e estilo literário sendo aplicado. Os compositores bíblicos utilizavam de muitas formas literárias na sua linguagem escrita. Algumas destas formas encontradas na Bíblia são até únicas, o que reforça o cuidado necessário para que se respeite o estilo e tipo de linguagem a cada ponto. Não se pode fazer este estudo cuidadoso com uma leitura corrida, pois o texto exige certa cautela e esforço para uma boa compreensão.

Estilo Literário:

Uma área de estudo bíblico que vem sendo até então pouco visto é a análise dos estilos literários empregados na literatura bíblica. Certas definições são claras e vem sendo respeitadas. É fácil definir entre poesias, narrativas, discursos, sermões, visões e literatura apocalíptica. Por outro lado, muitos textos bíblicos utilizam de várias formas literárias, sem necessariamente avisar o leitor de uma mudança de estilo.

A dificuldade de definir e respeitar o estilo literário é ainda mais severa quando se depara com o texto em tradução. Por norma bem arraigada encontra-se o texto bíblico em português dividido por versículos, nem ao menos respeitando limites de parágrafos ou versos poéticos. Tal dificulta para que o leitor lembre que o texto é mais do que uma coletânea de frases. Em lugar de ler passagens completas, o leitor é estimulado a ler apenas frases incompletas, divorciadas do seu contexto imediato e desligado de qualquer função literária maior.

Tratando o texto a partir das línguas originais (hebraico, aramaico e grego), deve-se lembrar que a forma escrita do texto bíblico originalmente nem ao menos fazia distinção entre as palavras.

⁴⁹ Zero Hora, V, 12.

⁵⁰ Zero Hora, SR, 3.

⁵¹ Zero Hora, SR, 1.

TODOOCTEXTOERAESCRITODEFORMACORRIDAEMLTRASMAIÚSCULASSEMPONTU
AÇÃOOUACENTUAÇÃOGRÄFICAENEMMEMSOCOMESPAÇOENTREASPALAVRASDO
TEXTO. O povo que escrevia e lia textos nesta forma sabia apreciar as diferenças estilísticas sem necessidade de se apoiar nas diferenciações escritas que se utiliza hoje como norma. Para o leitor atual, no entanto, a forma escrita original, mesmo que transmitido por outras formas de escrita, dificulta ainda mais para que o leitor defina com precisão o estilo literário que está sendo empregado em alguma dada passagem. Isso porque há brechas entre a recepção de textos e as inferências estilísticas antigamente passadas de forma oral.

A razão que o estilo literário deve ser respeitada tem vínculo com o tipo de linguagem. Esperamos uma linguagem mais figurada e meno literal quando se trata de verso poético, visão profética, ou apocalíptica. Espera-se algo mais literal em passagens legislativas ou crônicas históricas. Em certos casos, no entanto, o texto bíblico insere um estilo dentro de outro, utilizando-se de uma mudança verbal para ajudar o leitor fazer a distinção de estilo. O modo de diferenciar estas modificações de estilo nem sempre tem sido bem transmitido no processo de tradução do texto. Como exemplo, pode-se ver a passagem acima mencionada de Éxodo 12. Em meio à crônica histórica, encontra-se um comentário a respeito da forma adequada de celebrar o Pêssach. Também no livro de Jó encontra-se um prefácio e uma conclusão em prosa, sendo a maior parte do livro poética. Outras passagens bíblicas são até únicas em termos de estilo literário⁵², o qual complica o esforço exegético para definir o sentido e a forma de emprego das palavras em uso.

O estilo literário de um texto define certas características e expectativas essenciais para a sua compreensão e interpretação correta. O estilo ajuda o leitor a ver o que está fora da norma no texto lido. Na maioria dos casos da leitura normal, este processo é feito sem qualquer esforço, pois já se conhece o tipo literário antes de começar a ler o texto.

Se um texto começar com a frase “era uma vez...”, já se sabe que o que se segue não é uma crônica histórica, mas um conto da imaginativa. Assim, as marcações do estilo ajudam o leitor a saber como interpretar o texto que segue—neste caso não de forma literal, mas por analogias ou similitudes de formas de agir que se possam assemelhar às necessidades e a vivência do quotidiano do indivíduo. Procura-se em tal texto ver que aspectos se assemelham à vivência individual para então extrair alguma lição pessoal, mas nunca para asseverar e identificar com precisão todos os fatos históricos e detalhes científicos contidos na narrativa.

De modo igual, quando Jesus diz “O reino é semelhante a...” já não se espera ouvir a seguir o registro de um fato histórico, nem uma profecia futurística. O que se espera ouvir uma parábola ou uma similitude da qual extraír uma comparação entre o relato de Jesus e algum aspecto da vida no reino de Deus. Quando um texto começa com “Esta é a genealogia de...”, muitos leitores simplesmente pulam para outra porção de texto sem ler a passagem referida. Fazem assim por causa de seu reconhecimento dos marcadores estilísticos para listas de genealogias e estas listas não são de seu interesse literário. Geralmente estas pessoas preferem ler um texto que começa com uma frase como “Paulo, servo de Jesus Cristo aos santos em...”, pois com esta frase sabem que trata de uma epístola de Paulo.

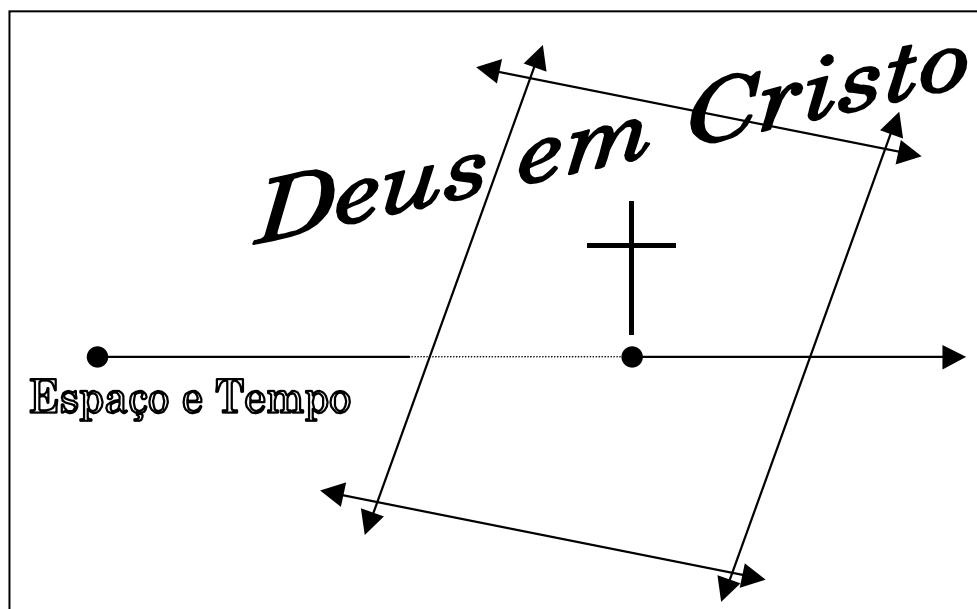
Frases como essas servem como marcadores estilísticos que ajudam o leitor a apreciar de modo digno a forma literária do texto a seguir. Nem sempre os marcadores estilísticos são tão óbvios,

⁵² A exemplo, Gênesis 2e 3 são bem distintos do resto do relato bíblico, e não tem antecedentes na literatura dos povos vizinhos de Israel.
(01-01-2006) ©Copyright 2001 Christopher Byron Harbin Todos os direitos reservados.

mas são importantes para uma boa compreensão e interpretação do texto. Em decorrência do seu estilo, versos poéticos tem mais licença para fugir de padrões de interpretação literal do que a prosa geralmente recebe. Há, no entanto, diferentes tipologias de estilos de prosa. Um texto em prosa pode conter ironias cuja presença afeta muito a interpretação de uma passagem ou frase. Outro texto em prosa pode ser uma crônica histórica, e outro um sermão. Dentro de uma passagem em prosa pode-se encontrar uma porção de verso poético que interrompe o estilo em uso⁵³. Olhando cuidadosamente para o estilo literário sendo empregado, tem-se um melhor posicionamento para a interpretação digna de uma passagem.

Limitações do Leitor:

Em certos casos, o leitor encontrará no texto da narrativa bíblica uma palavra, uma frase ou um conceito que não é esclarecido pelo contexto e não se encaixa dentro do referencial do leitor. É necessário lembrar que a leitura do texto e sua interpretação devida não é um processo de pesquisa científica que sempre dará respostas de pronta entrega. O leitor terá que viver com certas dúvidas referentes a certas passagens, reconhecendo as suas próprias limitações de interpretação. Não existe caixa tamanha para conter Deus, nem um molde de fabricação humana no qual cada texto bíblico se encaixe perfeitamente. Como exemplo, a compreensão da encarnação de *YHWH* em Jesus Cristo excede a compreensão humana. O gráfico a seguir pode ser de ajuda em compreender o mistério, mas não fará justiça ao mistério da encarnação divina.⁵⁴



Ao encontrar um texto difícil, a responsabilidade de fazer uma leitura criteriosa do texto aumenta. Aumenta também a necessidade do leitor apoiar-se em Deus em meio à falta de compreensão. Deus não muda, porém a interpretação humana do texto pode mudar através do

⁵³ Em Exodo 15.1-22, o texto em prosa é interrompido duas vezes com porções de versos poéticos.

⁵⁴ Deus em Cristo Jesus entra na “linha de espaço e tempo”, tornando-se igual ao homem, porém Deus ao mesmo tempo transcende as limitações de espaço e tempo. É algo semelhante, porém além do exemplo de uma linha unidimensional que passa por meio de um plano bi-dimensional. O ponto de interseção pertence ambos à linha e ao plano, porém a linha é finita demais para em qualquer momento conter tudo que é o plano. O infinito não cabe no finito, como duas dimensões não podem ser contidas numa só.

estudo e da iluminação divina. Por outro lado, a Bíblia indica⁵⁵ que nem tudo está ao alcance da sabedoria humana. Deus não se preocupa em responder todas as dúvidas e perguntas do homem, pois nem todas são de interesse real. A curiosidade humana em si não é má, pois é por meio dela que se aprende. Não é lícito, porém, exigir respostas referentes às curiosidades, antes de aceitar o que o texto ensina claramente. O homem é responsável pelo que conhece e a convocação divina exige compromisso com Deus desde o chamado à obediência, sem importar a compreensão ou falta de compreensão dos detalhes.⁵⁶

É bom lembrar, também, que a revelação bíblica tem origem na limitação humana para compreender o Criador e Sua vontade. Se o homem tivesse pleno conhecimento, a revelação bíblica não teria sido necessário. Por causa da incapacidade do ser humano para compreender o infinito é que *YHWH* se revelou. Logo o homem deve lembrar-se de suas limitações ao aproximar-se para interpretar a revelação divina.

Em termos de revelação, o leitor é limitado primeiramente ao texto bíblico. A Bíblia é a regra de fé e prática. Isso não quer dizer que todos concordarão na interpretação devida de uma dada passagem. Quando um texto apresenta dificuldades interpretativas, o leitor responsável estuda com mais cuidado e usa cautela referente às suas conclusões interpretativas. O texto claro sempre deve ter mais peso de que o texto enigmático (de difícil interpretação), porém nem sempre se terá uma conclusão definitiva sobre um texto difícil. O próprio Apóstolo Paulo disse que “agora conhecemos em parte”⁵⁷. O enfoque, então, deve sempre cair sobre a mensagem clara do texto, não sobre assim chamadas “mensagens escondidas”. Segundo disse um aluno do Programa de Educação Teológica por Extensão, “Se o texto não diz, não inventa!”⁵⁸. Permanece, então, a necessidade de procurar com diligência a mensagem originalmente intencionada dos autores bíblicos, para que possa então ser aplicado também ao contexto atual.

Na teologia, este conceito reflete a necessidade de uma pesquisa intensa referente ao ensino bíblico que fornece sustentação para todo aspecto da sistematização e do ensino proposto. Não se deve sustentar uma posição teológica de *creatio ex nihilo* com base em Gênesis capítulo 1, pois a passagem não sustenta o ensino. Da mesma forma, ensino sobre a imortalidade vem com o Novo Testamento, não desde o Antigo. Tais distinções devem ser feitas para que o teologizador e sistematizador tenha base bíblica mais coerente na sua proposta e no seu ensino teológico.

Natureza e Propósito da Teologia Sistemática:

Algo já se tem dito referente à natureza e o propósito da teologia sistemática. Aqui se limitará a alguns comentários abreviados. Como Grudem aborda em sua introdução, o propósito da sistemática é de tratar todos os temas necessários por ordem de forma organizada, expressamente para tratar toda temática necessária⁵⁹. Já se mencionou as dificuldades para fazer tal abordagem temática com base em textos bíblicos que não seguem o mesmo tipo de sistema organizacional.

⁵⁵ Veja no livro de Jó as perguntas que Deus faz para ele (38.2-41.34).

⁵⁶ Há também indícios de que o homem é responsabilizado por coisas que não comprehende, pois é sua responsabilidade comprehendê-las. Em Lucas 24.25-26, Jesus demonstra que os discípulos deveriam ter comprehendido e aceito a palavra dos profetas. Deuteronômio 11.16-22 indica que o povo de Israel deveria memorizar toda a lei de *YHWH* para poder cumpri-la na sua íntegra e assim herdar a terra prometida. Não havia espaço para alegar falta de conhecimento.

⁵⁷ 1ª Coríntios 13.12.

⁵⁸ Alunos PETE.

⁵⁹ GRUDEM, 2.

Mesmo assim, propõe-se a procurar oferecer uma sistematização do ensino bíblico global para ajudar o interessado a ter conhecimento mais pleno do ensino teológico da Bíblia.

Além da dificuldade em sistematizar o ensino bíblico, o desafio deste estudo será de abordar os assuntos normalmente elabordados de perspectivas norteamericanas e européias de tal forma que respondam também às preocupações do povo brasileiro. Cada cultura e contexto tem as suas próprias preocupações teológicas, e uma apresentação e estudo da teologia deve de responder a estas preocupações. Não é suficiente saber como indivíduos no passado interpretaram e aplicaram certos ensinos bíblicos, pois o contexto vivido a cada época e espaço cultural e geográfico traz os seus próprios interesses e questionamentos que precisam de resposta.

O propósito do estudo da teologia é de fornecer um alicerce para a fé e prática no cotidiano. De certo, a teologia se faz diariamente, pois o termo realmente quer dizer “palavras sobre Deus”, seja, estudo sobre Deus. Há muitas palavras ditas sobre Deus no dia-a-dia, e na maioria dos casos estas conversas faltam fundamento bíblico firme. O estudo teológico tem como função assentar com mais precisão as declarações e posicionamentos teológicos que se faz no dia-a-dia, como também para corrigir os erros que se faz no fundamentar práticas, opiniões e decisões tanto no secular como no religioso.

Quando se estuda a teologia, faz-se ao mesmo tempo um estudo doutrinário, pois a doutrina é parceira e complemento do estudo teológico. A teologia pretende olhar os parâmetros dentre os quais existe decisões de posicionamentos a serem tomados. Na teologia espera-se fornecer a base para um diálogo entre posições divergentes, abrindo e definindo limites aceitáveis para posicionamentos doutrinários específicos. “Doutrina” quer dizer “ensino”, e refere-se àquilo que se aproveita do estudo teológico para ensinar como declaração de posicionamento sobre a verdade a ser repassada a outrem. Deve-se lembrar nesta etapa do ensino a respeitar os parâmetros estabelecidos no estudo teológico.

Ao repassar as conclusões teológicas ou doutrinárias, lembra-se ao leitor que em certos casos não é possível tomar uma posição com segurança absoluta. Gostaria-se de poder alistar com precisão milimétrica toda definição detalhada para posicionamento seguro em cada área do estudo a ser feito. Não é possível chegar a este ponto, pois o ser humano é limitado demais em poder definir aquilo que é além de si. Chega-se também a um ponto a partir do qual é simplesmente necessário depender de Deus e confiar, pois a fé é o relacionamento compromissório em Cristo, perante o qual se depende na provisão de Deus. O olho humano não enxerga além de um certo ponto. Em parte isso serve de lembrete da necessidade de uma entrega de confiança em Deus.

Lembra-se no transcurso do estudo teológico que ao investigar o texto bíblico para acertar com maior nitidez a compreensão de Deus o fator de importância suprema é *em Quem* crer, e menos o aspecto de *em que* crer. Dito isso, é importante o aspecto de saber a verdade referente a Deus, bem como os demais temas teológicos. O enfoque, no entanto deve ser em relação a conhecer a Deus e confiar, mesmo quando não se pode acertar com precisão todo detalhe de especificar as verdades que devem ser aceitas. O essencial a ser declarado na teologia está clara, partindo de um estudo bíblico coerente. Há detalhes, porém, que estão fora do alcance de uma definição humana. Há aspectos doutrinários sobre os quais não há consenso mesmo entre estudiosos, membros de uma mesma denominação. Nestes casos, a definição de verdades deve ser aceita como propostas para consideração, e não como definições absolutas.

No campo evangélico atual, há divergências pleiteadas que partem de definições concernentes à inspiração bíblica. Dependendo do posicionamento feito sobre definições da inspiração bíblica, é

alterado o posicionamento sobre a forma adequada de se compreender o texto bíblico entre o uso dos termos infalibilidade, inerrância, credibilidade e autoridade. Há também divergência em sentido de métodos apropriados para o estudo do texto bíblico, a qual começa com os pressupostos provenientes do conceito de inspiração em uso. O problema é que as passagens que tratam conceitos de inspiração não delimitam o conceito de forma incontrovertida. Alguns, no entanto, tem feito muita festa quase inquisicional defendendo sua posição e as suas posições subseqüentes como a única definição aceitável para o cristão.

O problema provém de um fundamento incerto, partindo de textos que são menos do que claros no seu tratamento de uma temática secundária do autor do texto. A norma infelizmente é de que quando o fundamento para uma posição não está bem arraigada e clara no texto bíblico a sua defesa parte mais pelo lado emotivo de defender o posicionamento. Esta prática é ainda mais normativa quando o intérprete estabelece o seu posicionamento como sendo integral ou básica para toda a sua teologia. Quanto mais central um dado posicionamento é para a elaboração do sistema teológico, mais é a vehemência na sua defesa, incrementado sempre à medida na qual a base bíblica é imprecisa ou incerta.

Na tentativa de evitar este tipo de problemática é que se procura fundamentar não apenas uma lista de posicionamentos teológicos, mas parâmetros dentre os quais existe opções interpretativas coerentes. Quando não se pode estar bem certo em um dado ponto é mais saudável manter o assunto em aberto, mesmo que não seja prazeroso manter o detalhe indefinido.

Além do mencionado aqui, um grande problema para o intérprete que pretende estudar tanto a Bíblia como a teologia sistemática, é em referência ao expor com clareza a posição alheia, descrevendo não apenas o posicionamento, mas dando crédito à posição descrita. Grudem às vezes descreve as posições contrárias à sua, mas não consegue acertar com precisão as críticas, respostas e preocupações que elas estendem à posição que ele toma⁶⁰. Há, portanto, que ler com cautela o material teológico para acertar bem o seu posicionamento e nesta base elaborar uma resposta apropriada às posições espostas. Mesmo que um autor faça toda tentativa para descrever uma posição que difere da sua é fácil demais negar a posição alheia sem a ter ouvido por seus méritos. No texto a mão o mesmo problema será enfrentado, visto que é quase impossível que se distancie suficientemente de uma posição particular para fazer justiça a uma posição contrária àquela aceita pelo autor.

Na pesquisa do texto bíblico em todo o esforço teológico é essencial respeitar tanto as limitações do intérprete, como o contexto original do autor e do ouvinte intencionado pelo mesmo. Certas considerações no texto refletirão a situação histórica e cultural do povo quando da sua escrita, não sendo todo aspecto esse devido para aplicação exata. Erickson trata bem esta questão⁶¹, valendo ressaltar que em certos casos o contexto histórico contribui para uma formulação aplicada numa época histórica que seria indevido em certos contextos atuais.

Num contexto na qual a mulher não recebe instrução, nem ao menos alfabetização, estando impossibilitada de fazer estudo da Bíblia, é coerente a advertência de Paulo para que a mulher não ensinasse na igreja. O ensino da igualdade perante Deus em Cristo abre a possibilidade em contextos apropriados para que a aplicação de Paulo seja modificada, especialmente à luz de

⁶⁰ Veja seu tratamento referente à inerrância, páginas 60-66. Grudem falta mencionar que a sua posição sobre inerrância é dependente de sua definição de inspiração. Na discussão de inspiração, Grudem nemlevanta questão de outros posicionamentos, oferecendo apenas as suas conclusões próprias (páginas 23-27).

⁶¹ Veja páginas 33-37, sob subtítulo “Os critérios de permanência na doutrina”.

passagens paralelas que revelam um alto gráu de confiança do próprio Paulo no ministério de mulheres que cooperaram com o labor do apóstolo. Febe é recomendada em Romanos 16 como diácono da igreja, denotando um cargo oficial. Deve-se, portanto, lembrar perante o fato da inclusão de certas cartas de Paulo terem sido incluídas no cânon do Novo Testamento, elas foram dirigidas para atender a dificuldades específicas de igrejas específicas em contextos específicos. Os seus princípios e ensinos bem deve ser respeitadas e vistas como permanecentes, mas os princípios são visíveis e claros às vezes somente com uma boa apreciação do contexto histórico.

Um estudo teológico sério, portanto, deve prosseguir com precisão e cautela, respeitando os parâmetros, princípios e limites acima estabelecidos. A teologia não deve ser apressada para dar uma resposta simples a toda pergunta e dúvida. Certos assuntos e certos detalhes não estão ao alcance da compreensão humana. Outros assuntos e detalhes requerem muita diligência de pesquisa para a formulação de um posicionamento, devido à debilidade humana. O infinito não pode ser compreendido de forma sucinta. Com todo esforço e cautela na investigação teológica, o intérprete deve chegar ao fim colocando-se na condição humilde de um servo obediente, entregando-se a Deus em dependência e confiando de que Deus revelará o que lhe for necessário. O resto deve ficar nas mãos de Deus.

Existe como um constante a necessidade de lembrar da fraqueza humana em compreender a Deus. Conforme Lutero, “A teologia é céu, sim, mesmo o reino dos céus; o homem, entretanto, é terra, e suas especulações são fumaça”⁶². Lutero argumentava em contra das especulações filosóficas na teologia, reivindicando um estudo sério da Bíblia na formulação teológica. A Bíblia sendo a Palavra de Deus é a fonte para compreender o mesmo Deus apresentado nas Escrituras. Este estudo é portanto a base e a fundamentação para todo esforço teológico legítimo.

A Existência de Deus:

A Bíblia toma por certo a existência de Deus. No mundo antigo, a existência de seres suprahumanos era pressuposto básico da vida, tal que os escritores bíblicos jamais teriam se preocupados em explicar ou provar a existência de Deus. Definições e provas filosóficas da existência de Deus não serão, portanto, encontradas no texto bíblico.

Nunca ocorreu aos autores do Antigo Testamento provar a existência de Deus. Tal assunto teria sido absurdo, dado as atitudes da época⁶³. As narrativas bíblicas revelam “um tempo em que a existência de seres sobrenaturais era inquestionável”⁶⁴. Assim, os narradores bíblicos não procuraram explicar a existência de Deus, mas apontar para a sua identidade através do que fazia. Hoje até existe quem questiona a existência de Deus, porém a Bíblia não entra no assunto e aceita que sua existência é obvia. Mais propriamente, o narrador bíblico procura especificar qual dentre os deuses conhecidos pelos povos foi Aquele que chamou a Abrão—o próprio Criador de todo o Universo⁶⁵.

No filme “Meu Papai é Noel”, um homem encontra-se transformado em Papai Noel, mesmo que não creia na sua existência. Nesse contexto ele é levado ao Polo Norte e mantém uma conversa

⁶² Martinho Lutero citado em GEORGE, 59.

⁶³ DAVIDSON, A., 30-31.

⁶⁴ ROBINSON, 54.

⁶⁵ WENHAM, xxii.

com um duende onde há o seguinte diálogo: “Eu vejo, mas não creio”. “Estás perdendo significância”. “Qual é a significância?” “Ver não é crer. Crer é ver. As crianças não precisam ver este lugar para saber que existe. Elas simplesmente sabem.” Este diálogo é o mais significativo do filme inteiro, e a única parte significativa. Ao mesmo tempo, revela um conceito importante a ser levado em conta na teologia, o que tem a ver com os pressupostos com os quais o indivíduo lida.

No conceito científico atual, existe a idéia por base de que somente aquilo que é físico tem existência real. Se algum fenômeno não pode ser medido, pesado e calculado, então não é real. Em tal definição, Deus não pode ser real, pois escapa de padrões de medição materiais⁶⁶. Eis o conflito maior para ser analisado entre propostas científica atuais e conceitos teológicos bíblicos.

O pressuposto mais central é da existência de Deus. Esta realidade não pode ser provada mas pode ser em parte comprovada na vida daquele que aceita o pressuposto. É somente quando se crê que é possível enxergar a realidade de Deus. É com esta base de fé que se olha ao mundo ao redor e vê a presença e atuação de Deus no mundo ao redor. O que se usa como provas são mais verdadeiramente comprovantes da realidade já aceita. Esses pontos de apôio à fé ajudam o indivíduo a averiguar a veracidade daquilo que crê e ajudam-no a confiar no Criador.

Para Lutero a existência de Deus não era assunto para a elaboração de argumentos e provas⁶⁷. No entanto, muitos outros têm procurado montar provas lógicas, das quais Berkhof detalha uma lista⁶⁸. Estas provas, porém são todas falhas, como ele mesmo demonstra. Grudem alega que “todas as pessoas de qualquer lugar têm uma profunda intuição íntima de que Deus existe, de que são criaturas de Deus e de que ele é seu Criador”⁶⁹. Esta alegação talvez possa ser coerente para a maior parte da população norteamericana, mas foge das cosmovisões de povos em outras partes do mundo. Muitos povos acreditam não em um só Deus, mas em uma multiplicidade de deuses. Para muitos, a criação vem de um ocaso, e mesmo na antigüidade havia formas bem divergentes das colocações bíblicas referentes ao início do mundo.

A Bíblia não procura provar a existência de Deus⁷⁰, o que procura é especificar a singularidade de YHWH e a necessidade humana de depender completamente em *YHWH* (יהוָה) seu Criador. A única “prova” que se dá na Bíblia são as interpretações dos eventos da intervenção de *YHWH* na vida do seu povo⁷¹. Se a teologia realmente começa com a Bíblia e é uma tentativa de sistematizar o ensino da mesma, deveria-se aceitar o fato de que a Bíblia não procura provar a existência de Deus. Não é assunto propriamente dateologia sustentar provas da existência divina. O nosso ponto de partida deveria tomar esta pressuposição dignamente. A perspectiva da teologia cristã parte de pressupostos devidos a uma aceitação de fé no Deus que não se vê.

Como Hebreus capítulo onze trata a questão, começa-se uma procura de conhecer a Deus já pressupondo não apenas a Sua existência, mas também que Deus recompensa aquele que procura conhecê-Lo. Nesta apostila, portanto, tomar-se-á por certo a existência de Deus. Assim a discussão partirá diretamente a investigar os meios de se conhecer a Deus.

⁶⁶ HESCHEL, 142.

⁶⁷ GEORGE, 61.

⁶⁸ BERKHOFF, 25-26.

⁶⁹ GRUDEM, 97.

⁷⁰ DAVIDSON, A., 30-31; GRUDEM, 98; ROBINSON, 54.

⁷¹ O mais destacado destas “provas” no Antigo Testamento o evento do Êxodo. De certa forma, mesmo esta “prova” não é em si uma prova da existência de Deus, mas da singularidade de *YHWH* (יהוָה), Deus acima de todos os outros deuses. No Novo Testamento, a ressurreição de Jesus é o evento central demonstrativo da divindade de Jesus, outra vez, não a existência de Deus em si mas o seu caráter revelado no ministério de Jesus.

Dado a metodologia científica e filosófica, provar Deus é um esforço além das limitações humanas. Pode-se bem provar a possibilidade ou bem a plausibilidade da existência divina. Mesmo que se possa mostrar a grande improbabilidade da inexistência de Deus, prova concreta não é possível. No entanto, o homem também não pode provar com certeza absoluta muitas outras coisas que ele toma por certo. O método científico se baseia na utilização de premissas, hipóteses, teorias e leis da natureza. O processo desse método é sempre trabalhar na questão de desaprovar as suas hipóteses, teorias e leis. Quando não se consegue desaprovar uma hipótese, ela passa a ser considerada uma teoria. Quando muitos tentam e não conseguem desaprovar uma teoria, ela passa a ser considerada uma lei. Em todo caso, porém, a sustentação de uma teoria ou até uma lei pode depender apenas de mais uma tentativa de desaprovar o posicionamento. Não se pode provar nenhuma teoria, nem hipótese. Pode-se apenas apontar para a probabilidade de sua veracidade. No final das contas, é a mesma posição a ser tomada em relação a Deus.

Em termos humanos, crê-se na existência de Deus por vários motivos, mas em essência por que a Sua existência explica melhor muitos aspectos da vida e da própria existência do universo do que a inexistência de Deus. Nesta base procura-se conhecer a este Deus, esperando algum retorno positivo por conhecê-Lo. Tal é a posição do autor de Hebreus. Por outra perspectiva, crê-se na existência de Deus em decorrência do agir do Espírito do Santo, não por argumento convencedor. É tarefa do Espírito do Santo convencer o indivíduo “de pecado, de justiça e de juízo”⁷², o que remonta em essência a convencer o indivíduo sobre Deus. A responsabilidade do servo de Deus é de apresentar testemunho do evangelho, não de convencer o mundo de sua veracidade. É Deus, mediante a Sua palavra e o seu sopro (Espírito) no interior do ouvinte que convence.

Revelação:

Já de início, deve-se fazer lembrar de que a única maneira de se conhecer a Deus é de receber a revelação que Deus faz de Si mesmo—seja de Sua auto-revelação. Isto, porque Deus é muito além das limitações da investigação humana. “Deus está tão acima de nós ... que a razão humana não é capaz de conhecê-lo”⁷³. Só é possível medir e definir aquilo que é menos que o investigador, logo, não será possível medir ou definir Deus a parte da auto-revelação divina. Como Érickson afirma que seremos humanos, mesmo depois de glorificados, nunca chegaremos a uma compreensão definitiva de Deus por questão da limitação do ser humano, mesmo após da morte. Cabe a Deus se conhecer e logo revelar-se ao ser humano na medida em que a criatura pode e aceita conhecê-Lo.

Conforme descrito acima referente ao método científico, conhecer a Deus depende mais do que nada em que Deus se revele à humanidade. Algo de Sua natureza se reflete na própria criação, mas na maior parte conhecer a Deus depende em que Deus se revele e que o homem esteja atento a esta revelação. A dificuldade é do homem se desprender dos seus próprios conceitos para aceitar realidades que não se encaixam nas suas definições, logo a compreensão de Deus depende da receptividade humana à revelação divina.

Por revelação, tratar-se-á mais do que nada a questão da revelação escrita na Bíblia. Entende-se haver outros meios de revelação, mas esta é a essencial no contexto à mão. Contudo, faz-se

⁷² João 16.8

⁷³ Érickson, 286.

(01-01-2006)

©Copyright 2001 Christopher Byron Harbin Todos os direitos reservados.

p. 19 de 35

necessário alguns comentários sobre a revelação geral e a revelação especial ou particular. Para tudo, no entanto, a revelação escrita deve ser vista como o cânon, ou regra, pela qual se mede as demais formas de compreender a Deus e o Seu plano para o homem. É nesse sentido que os batistas têm declarado que a Bíblia é sua regra de fé e prática.

Algo deve ser dito referente ao processo de canonizar o texto bíblico, pois este processo implica no uso adequado da Bíblia e o seu lugar apropriado na vida da igreja. Deve-se lembrar que não houve nenhum concílio ou grupo especial formado para definir qual seria o cânon das Escrituras. O processo foi um desenvolvimento natural de cristãos lendo, estudando e ensinando os textos que tinham em mãos e fazendo uma seleção do material que sentia refletir uma compreensão mais exata e confiável referente a Deus e à Sua vontade.

Numa carta circular escrita em 367, Atanásio, bispo de Alexandria, escreveu que as igrejas em sua zona estavam lendo e usando uma certa lista de livros nos seus cultos. Outros olharam para a lista e verificaram que eles também estavam usando os mesmos livros. Trinta e dois anos depois no Concílio em Cártago foi reconhecida oficialmente este cânon do Novo Testamento⁷⁴. É proveitoso lembrar que este concílio simplesmente ratificou a prática existente das igrejas, não promulgando um decreto próprio. O que temos no cânon, portanto, é um reconhecimento do povo de Deus que estes livros refletem com autoridade e veracidade a Palavra de Deus para a humanidade.

Lutero dependia completamente no estudo e ensino da Bíblia no âmbito do seu ministério. Por sua própria afirmação, não era ele o reformador, mas a própria palavra de Deus que havia levado a cabo a reforma ao seu redor⁷⁵. Da mesma forma a Bíblia deve ser dada o seu lugar na igreja atual para que desempenhe a sua função devida e opere as reformas necessárias na igreja atual.

Vale salientar que a revelação divina não se limita ao registro bíblico, nem à confissão dos integrantes da igreja. Abraão aprendeu em algum lugar e de alguma forma a respeito de YHWH. Os dois espías de Josué ouviram a verdade referente a YHWH da boca de Raabe, prostituta pagã de Jericó⁷⁶, provavelmente prostituta a serviço no culto pagão de Jericó⁷⁷. Gideão ouviu a mensagem de YHWH confirmada na boca de um soldado inimigo idólatra, servidor de Baal⁷⁸. A Bíblia é a revelação suprema ao dispor, mas Deus não está limitado ao texto bíblico para se revelar. É na Bíblia que a mensagem e a revelação de Deus estão mais claras e definidas. Esta é a razão de sua centralidade. Ela já foi aprovada e preservada pela confissão de crentes no único Deus Criador do universo através de séculos.

Inspiração e Inerrância:

O conceito inspiração é um tanto complexo, devendo ser visto por vários ângulos e etapas. Vê-se nas narrativas a inspiração divina na convocação de *YHWH* (יהוָה) para o povo encontrar-se com o Deus de Israel. “Esta capacidade para discernir o plano divino dentro da história e além dos eventos é o que distingue um autor ‘sagrado’ no Antigo Testamento de qualquer outro tipo de

⁷⁴ ELWELL, v.1, 179.

⁷⁵ GEORGE, 55-56.

⁷⁶ Josué 2.8-13.

⁷⁷ BUTLER, 31-35.

⁷⁸ Juízes 7.12-15.

autor...”⁷⁹. “Israel, e depois a Igreja Cristã, valorizaram estes livros em conjunto como um livro santo e divino.... Nas palavras desta ‘Palavra’, a voz de Deus foi ouvida”⁸⁰. É possível, portanto, enxergar como as narrativas contidas nesse livro “têm sido transformadas pelos narradores bíblicos em testemunhos da obra redentora de Deus”⁸¹.

*Os escritores alegavam... que se sentiam sob um imperativo divino. Tinham uma santa obrigação de falar aquilo que muitas vezes era contrário aos próprios interesses e desejos pessoais..., mas precisavam falar. ...Alegavam estar na sucessão direta daquelas palavras anteriores, além de serem contribuintes no adicional desenvolvimento tanto do cumprimento como da promessa expandida para o futuro!*⁸²

Nestes relatos apresenta-se que o processo de inspiração do texto inclui tanto o impulso divino sobre o autor, como também inclui o processo pelo qual o povo ignorou outros manuscritos que não chegaram a revelar as intenções e ações de Deus como nos manuscritos preservados⁸³. “De fato, existem 24 livros citados e referenciados por nome no Antigo Testamento que hoje não se conhecem”⁸⁴.

Referente ao Novo Testamento, conhece-se mais de 40 evangelhos que foram escritos nos primeiros dois séculos, porém apenas quatro foram incluídos no cânon bíblico. Parece também que partes do Novo Testamento foram escritos originalmente em hebraico ou aramaico, e não no grego⁸⁵.

Os livros que foram preservados atestaram ser de mais confiança do que estes outros em revelar a operação de Deus, não por conterem mais informações históricas ou científicas. Assim existem relatos como o de Caim, no qual se pergunta por sua esposa, já que o texto não se interessa por entrar no assunto. É necessário, então, aceitar que a Bíblia não teve como objetivo preservar todos os detalhes referentes às histórias que relata. Preservou-se aquilo que é de ajuda para entender a ação de Deus em meio da humanidade.

Alguns alegam que a inspiração da Bíblia está vinculada de forma inseparável à chamada infalibilidade (isenção de qualquer tipo de erro), porém logo limitam esta tal infalibilidade aos manuscritos originais (chamados os autógrafos). Diz-se que não poderiam ter sido inspirados por Deus se houvesse qualquer classificação de erro⁸⁶. Este argumento, contudo, tem base em lógica humana, não em qualquer especificação bíblica. Tal lógica, porém, apresenta problemas, pois se os autógrafos tinham que ser completamente isentos de erros de qualquer tipo para que houvesse inspiração, logo as cópias também teriam que obedecer a estas mesmas exigências para expressarem corretamente a inspiração divina.

O que alguns aparentemente descuidam, é que a classe de “erro” que um texto tão antigo apresenta tem muito mais a ver com conceitos em conflito com a ciência moderna e não algum erro na apresentação de sua mensagem teológica (*i.e.* a ordem da criação em Gênesis 1 tem as plantas sendo criadas antes do sol, o conceito cosmológico refletido no texto define haver um mar

⁷⁹ SOGGIN, 44.

⁸⁰ MULDER em WOUDE, 3.

⁸¹ SOGGIN, 44.

⁸² KAISER, TdAT, 26-27.

⁸³ SCALISE, 44-46.

⁸⁴ PRICE, 32.

⁸⁵ LOWRY, 25-26 citando Papias, bispo de Frigia, cerca do ano 130, “Então Mateus compôs os oráculos em hebraico, e todos interpretavam conforme podiam”. O mesmo Papias cita ao ancião João, dizendo que “Marcos tendo se tornado o intérprete de Pedro escreveu apuradamente tudo que lembrava das coisas que foram ditas ou feitas por Cristo; porém, não em ordem”.

⁸⁶ ARCHER, 18.

acima do firmamento e também por debaixo da terra, sendo essa uma espécie de disco flutuando sobre outro mar⁸⁷, etc.). Isto não vem a ser erro em qualquer sentido importante, já que o propósito bíblico não é científico nem histórico. Por outro lado, o objetivo da narrativa é alcançada de forma independentemente dela ser ou não um registro de precisão milimétrica. O que se encontra, portanto, é o tipo de erro ao qual Calvino retrata em seu comentário sobre Atos capítulo sete⁸⁸.

Por outro lado, a igreja tem um cânon por ter reconhecido nos livros da Bíblia não um registro de história ou de ciência, mas a verdadeira palavra de Deus⁸⁹. Estes livros não atestam apresentar isenção de erros científicos ou históricos, mas apresentam o testemunho da palavra de Deus. É isto que o povo de Deus reconheceu e aprovou—a mensagem de Deus ao seu povo, transmitida por meio dos seus portavozes, os profetas. O povo de Deus reconheceu a palavra inspirada e transmitiu estas Escrituras após tal reconhecimento, o processo de inspiração sendo em parte uma ação comunitária do povo de Deus⁹⁰. Esta palavra inspirada é uma palavra teológica, não científica, nem histórica. É o cerne teológico que exerce rigor autoritário sobre a igreja.

De qualquer forma, a conclusão final adotada será a mesma quanto à autoridade destas obras inspiradas. Como Archer afirma, a Bíblia reivindica a sua própria autoridade⁹¹, porém ela não reivindica infalibilidade, especialmente infalibilidade de precisão científica sobre todo e qualquer assunto. Os autores bíblicos geralmente não se importavam com assuntos tais.⁹² Ela ensina sobre a realidade de Deus, a sua identidade, a sua graça, e a sua vontade para com os homens—é a autoridade suprema para questões de teologia. A questão de conhecimento científico não vem a interferir com a autoridade inspirada da Bíblia. O seu propósito nunca foi ensinar ciência, nem história. O seu propósito é de revelar a ação, a identidade, o caráter e o propósito de Deus para com o seu povo e toda a humanidade. Afinal de contas, a ciência atual será considerada ultrapassada e errônea em poucos anos, pois mesmo que ela depende de um desenvolvimento acumulado de anos em anos, é um desenvolvimento que compreende o descartar de conceitos descreditados⁹³.

Muitos querem se apegar a textos como 2º Timóteo 3.16 para afirmar não somente o respirar de Deus nas Escrituras, mas também para definir tal inspiração no sentido de Deus pronunciar palavra por palavra o que o escritor deveria de escrever. Deve-se lembrar, porém que o sentido original grego deste versículo não se dá para uma definição precisa do modo de inspiração. A frase grega não contém o verbo para indicar a forma exata da inspiração, nem indicação exata do referente para definir a escrita em consideração. O termo utilizado aqui é “divinamente expirado” (*qeopneusto*”), não propriamente “inspirado”.

⁸⁷ Veja HARBIN, C. *TN*, “Cosmologias Antigas”.

⁸⁸ GEORGE, 194-195.

⁸⁹ SCALISE, 50.

⁹⁰ BARR em MAYS, 67.

⁹¹ ARCHER, 22.

⁹² Paulo, escrevendo aos coríntios, afirma não haver batizado a ninguém da igreja a não ser dois irmãos, logo lembra que também batizou outra casa, então agrega que não lembra se batizou outros. Não parou para fazer uma minúscia de detalhes para investigar quem havia batizado. Diz basicamente não ter sido importante e corre adiante no seu argumento (1º Coríntios 1.14-15). Os evangelhos registram números diferentes de cegos curados por Jesus em certos eventos. A importância do relato não era para ser uma descrição exata do evento, mas para tratar um ponto teológico essencial (Mateus 20.29-34 e Marcos 10.46-52).

Em termos da apresentação de conceitos de ciência no texto, lembra-se ao leitor que a igreja excomungou a Galileu Galilei por declarar que o mundo girava em torno do sol, pois a Bíblia dizia o contrário. Atualmente pouquíssimos asseveriam que a ciência está errada neste ponto, porém a Bíblia continua descrevendo o universo de forma contrária. Se é aceitável proclamar que a Bíblia está errada em tal ponto, deve-se aceitar que a Bíblia não é livro texto de ciência e que suas apresentações científicas podem ser ignoradas sem invalidar o seu ensino teológico.

⁹³ Recomenda-se o livro citado na bibliografia de SCALISE para um bom tratamento referente a posições adotadas referentes a inspiração e revelação, bem como uma alternativa exposta por Childs para uma nova compreensão do processo de revelação canônica.

Pode-se traduzir o texto como “Toda Escritura é divinamente inspirada e...”, como também “Toda Escritura divinamente inspirada é...”, ou ainda “Toda Escritura divinamente inspirada e proveitosa para ensino, para repreação, para correção, para educação em justiça”. Outra possibilidade interpretativa seria de ler o texto no sentido de “Toda Escritura divinamente inspirada e divinamente proveitosa para ...”. Além de não saber exatamente como traduzir o versículo, é a única vez que o termo grego “divinamente inspirado” é usado na Bíblia. Dado as dificuldades interpretativas já se começa com uma base insegura no tratar o assunto da inspiração com este texto.

Outra passagem geralmente apontada em discussões de inspiração é também um pouco difícil de interpretar com exatidão em termos de inspiração. 2^a Pedro 1.20-21 trata claramente da profecia sendo proveniente de Deus. “touto prwton ginwskonte” ὅτι πάσα προφήτεια γράφη ἵδια “epilusew” οὐ γίνεται: ²¹οὐ γαρ φέλματι αἵγρωπου ἡγεμόνη προφῆτεια πότερον αἴτια; υπὸ πνεύματος αἴτιον φερομένοι εἰς αἱ ἁγιασματικοὶ προφῆται” “isto primeiro saibam que toda profecia escrita de particular interpretação não provém. Pois não de vontade de homem foi trazida profecia jamais, mas sob o Espírito do Santo sendo guiados, falarão (da parte) de Deus homens”⁹⁴. O texto é bem inteligível, sendo a dificuldade que o texto não explica a forma da inspiração referida. O autor coloca que os profetas serviram de portavozes na profecia escrita, ou que forma guiados como um barco pelo vento⁹⁵.

Grudem aponta para algumas outras passagens que até referenciam certas palavras como sendo as meras palavras de Deus⁹⁶, mas estas passagens são de referência estrita demais para serem aceitos como tratamento abrangente da inspiração da Bíblia como um todo. Em geral o alicerce da defesa de uma inspiração verbal é um alicerce filosófico e racional, não bíblico. Apela-se mais para lógica e conceitos de epistemologia para fazer sua defesa, não para um embasamento bíblico.

A compreensão do conceito de inspiração deve lidar com questões como a pesquisa de Lucas por testemunhas oculares para servir de fontes orais na escrita do seu evangelho. Precisa tomar em consideração a questão das fontes e tradições orais antecedentes à forma atual do material do Antigo Testamento, especialmente questões dos relatos em Gênesis que tanto antecedem personagens como Moisés. “Em sua essência, uma doutrina bíblica de inspiração importa-se mais com o produto do que com o processo; não lida com teorias, psicológicas ou de qualquer espécie, como por exemplo sobre o modo pelo qual se deu a inspiração”⁹⁷.

Na prática teológica lida-se com níveis de inspiração, como também houve na elaboração ou reconhecimento do cânon das Escrituras. Já o processo de canonização revela algo de diferenças entre os níveis inspiracionais dos livros. A inclusão do livro de Ester foi debatido até o segundo século⁹⁸. Este livro quase não entrou na lista de livros canonizados, em parte por questão de nunca referenciar a Deus. A narrativa é escrita de perspectiva secular, não contendo menção de Deus, nem ao menos indicação de que o povo era povo de Deus. Para reformadores como Lutero, certas cartas neotestamentárias não deveriam ser considerados com o mesmo peso de outros, até colocando Tiago, Hebreus, Judas e Apocalipse numa qualificação de interesse secundário aos demais livros que “proclamam a Cristo claramente”⁹⁹. Lutero pode ser um caso

⁹⁴ 2^a Pedro 1.20-21.

⁹⁵ RIENECKER, 574.

⁹⁶ GRUDEM, 26-27.

⁹⁷ LASOR, 648.

⁹⁸ James A. Sanders em FREEDMAN, “Canon”.

⁹⁹ GEORGE, 85.

extremo, mas a prática de muitos cristãos não é muito diferente do que a dele. Uma elaboração adequada da inspiração das Escrituras deve ser de caráter abrangente o suficiente para lidar com estas questões de níveis inspiracionais, ao menos em termos da apreciação humana da mensagem inspirada.

Autoridade:

Conforme declarações da fé e mensagem dos batistas, a Bíblia tem autoridade em termos de fé (ou doutrina) e também na prática eclesiológica e individual dessa fé. Ela serve para reger ou guiar o cotidiano da igreja bem como seus membros no desenvolver o reinar de Deus em suas vidas. Não se limita a questões “religiosas”, pois o reinar de Deus se insere em todo aspecto da vida humana. Em certos assuntos, a Bíblia é silenciosa, porém ela fornece padrões de moral, ética e comportamento geral que influem sobre todo aspecto da vida humana.

Como Paulo assevera em 2^a Timóteo 3.16, a autoridade bíblica tem utilidade em todo aspecto da vida do indivíduo. Lembra-se aqui que o povo hebreu tinha hábito de medir tudo que se fazia em relação ao ensino da Torá. Esta prática muitas vezes ia além da Bíblia para os ensinamentos das tradições rabinicas, porém o conceito aplicado era que a Palavra de Deus deveria ser aplicado a cada aspecto da vida com todo o rigor possível. Alexander Campbell chegou declarar como resumo da autoridade da Bíblia o seguinte “no que a Bíblia fala, falamos; no que a Bíblia cala, nos calamos”¹⁰⁰. Para muitos dos reformadores, este era basicamente o conceito operacional da autoridade bíblica. A Bíblia era a autoridade. É claro que a Bíblia não trata a aceitabilidade do uso de lâmpadas incandescentes e fluorescentes no templo, mas em tudo quanto possível, ela deve ser dada seu lugar de exercer autoridade sobre a vida do cristão e da igreja.

A autoridade dada à Bíblia pelos reformadores como Lutero encontra antecedentes no Apóstolo Paulo como também em Jesus. Jesus ensinou não apenas que se deveria seguir a instrução de Deus, mas que este caminhar deveria se apegar com muito mais força do que as tradições dos anciãos de seu dia. Estes, dizia Jesus, invalidavam os próprios mandamentos de Deus com seus ensinos¹⁰¹. Em lugar de suavizar a Torá de Deus, Jesus a ensinava de forma ainda mais rigorosa do que as tradições do povo no seu dia¹⁰².

Há ocasiões em que pessoas se apegam mais a questões de interpretações de alguns detalhes menos significativos da Bíblia, sem realmente deixar que a clareza de outros ensinos tenham sua autoridade devida. A passagem de Mateus 16.19 é um tanto incerto e não contém muito apôio de outros textos para ajudar na sua interpretação. No entanto, uma estrutura eclesiástica foi montada e defendida sobre este versículo em particular, negando passagens que tratam do sacerdócio dos crentes em geral, bem como o acesso que cada crente tem a Deus. Outros têm se apegado ferozmente a teorias particulares de expiação, deixando que estas teorias tenham mais autoridade do que os próprios textos que tratam da expiação do pecado.

Existe, portanto, a necessidade de distinguir entre teorias interpretativas de certos assuntos e o ensino do texto bíblico por si. Uma definição interpretativa deve sempre respeitar a autoridade de um texto que pode tanto apoiar um certo posicionamento como derrubá-lo. A interpretação do

¹⁰⁰ GEORGE, 131.

¹⁰¹ Mateus 15.3-9; Marcos 7.5-13.

¹⁰² Mateus 5.21-48; Lucas 6.27-36.

indivíduo, então deve ser colocado em submissão ao estudo cuidadoso do texto, deixando que a Bíblia exerça a sua autoridade como a Palavra de Deus escrita.

Supremacia:

Já foi tratado algo da supremacia da Bíblia como revelação de Deus. Vale a pena ressaltar, porém, que Deus não está limitado ao texto redigido da Bíblia para se revelar ao ser humano. A Bíblia é o melhor registro que conhecemos para indicar quem é YHWH, Criador do universo, e quais são Seus propósitos para a humanidade. É nos textos da Bíblia que o crente há percebido através dos séculos a palavra fiel referente à identidade do Criador. O próprio processo de canonizar o texto bíblico reflete esta busca para diferenciar entre os múltiplos testemunhos acerca de Deus ou deuses para acertar com melhor definição qual o testemunho verídico.

Foram escritas mais de quarenta evangelhos na época logo após o ministério de Jesus. Somente quatro destes manuscritos que conhecemos foram preservados como dignos da atenção do fiel. Mais de vinte e quatro livros são citados no Antigo Testamento por nome, dos quais não se reteve nenhuma cópia. A existência dos livros apócrifos, do Talmude e dos rolos do Mar Morto atesta para a existência de outras escritas e coleções de literatura entre os próprios judeus na época de Jesus. Houve, no entanto, uma discriminação para selecionar o que realmente era de proveito, e é esta coletânia de livros que recebemos na preservação e transmissão da Bíblia. Ela foi preservada propriamente por ser considerada a revelação suprema de Deus.

Há, no entanto, outras formas e meios de conhecer a Deus. Há quem prega e é ouvido como portavoz de Deus. Há quem sente um mexer no seu íntimo como indicação da vontade e mensagem de Deus para si. Há quem entende o seu sonho como partindo de uma mensagem de Deus para a sua vida. Há quem estuda a natureza e percebe a atividade de Deus ao seu redor. Todas estas formas de ouvir a Deus podem ser válidas, e Deus pode também comunicar de outros meios. Na Bíblia há vários registros de pagãos idólatras sendo usados por YHWH como Seus mensageiros. A diferença, no entanto, é na qualificação da “revelação”.

Um sonho pode ser interpretado da mesma forma que se usa a esponja de aço. Pode servir de um jeito no primeiro momento e ser aproveitado em outra aplicação no momento seguinte. Não há um padrão normativo para a sua interpretação, a não ser em termos de sua coerência com a revelação de Deus na Bíblia. O sermão de um pregador pode ser contrariado pelo sermão do segundo. O que uma pessoa interpreta ao olhar a natureza pode ser bem diferente da interpretação do seu próximo. A Bíblia pode também sofrer interpretações diversas, mas elas podem ser discutidas em termos de definições de terminologias, contextos e passagens complementares, até se chegar a um acordo ou resolver que não uma conclusão definitiva a ser dada. Em termos dos outros meios de revelação, não existe o mesmo tipo de controle.

É neste sentido que se fala da Bíblia em termos de sua supremacia. A Bíblia é a revelação suprema de Deus, sendo o registro mais fiel conhecido referente ao Criador do universo e da humanidade. Esta supremacia foi atestada através dos séculos por fiéis em seis continentes, os quais asseveraram a sua autoridade. Esta supremacia é ao mesmo tempo um ato de fé, pois há quem segue outra religião e crê na autoridade do seu registro próprio, como o *Bhagavad Gita* e o *Livro de Mórmon* entre outros.

Para os cristãos que seguem a reforma, a Bíblia tem o caráter de revelação suprema. Deus ainda pode usar outros meios de se revelar, porém é na Bíblia que o cristão mede a coerência de tal mensagem, averiguando que seja realmente de Deus. A palavra de Deus é tão fiel quanto o Deus da palavra. A própria Bíblia indica que a palavra de Deus tem caráter permanente¹⁰³, por questão do caráter do Deus que a expressa e a mantém. Assim, a Bíblia como revelação suprema é o cânone, ou instrumento de medir, para averiguar se uma mensagem revelatória de outra via revelatória é fiel ou não ao que já foi revelado e atestado.

É salutar lembrar que a Bíblia não caiu do céu, nem foi encontrada em forma completa como asseveraram os Mórmons sobre as tábuas de ouro supostamente encontradas por Joseph Smith. Noé, Abraão, Moisés, Samuel, Elías e outros ouviram a verdade de Deus de alguma forma, tendo uma compreensão da mensagem e do caráter divino, sem terem o proveito da Bíblia. Foram homens que compreenderam de alguma forma a vontade e as instruções de *YHWH* (יהוָה), o Deus Criador do universo. Sem a Bíblia em mãos, compreenderam a revelação que Deus lhes dera. Esta revelação apreciamos no registro bíblico, apreciando a veracidade de sua mensagem da identidade e da vontade de *YHWH*. Esta veracidade vem sendo comprovada no processo de preservação e canonização dos registros bíblicos, no qual o povo de Deus tem averiguado que certamente esta transmissão é coerente com a compreensão recebida de Deus. Mais do que nada, falamos da Bíblia como a Palavra de Deus como resultado de reconhecermos nela a palavra de Deus para o ser humano. É nesses termos de reconhecer a palavra de Deus que a prezamos como sendo a Sua palavra.

Nada impederia que Deus continuasse a lidar com o Seu povo da forma que fez ao revelar-se a Noé, Abrão, José, Moisés e Josué. Entende-se, no entanto, que o que essencialmente precisa ser revelado para a humanidade já foi revelado através destes e supremamente por Jesus. O que Deus pode e continua a revelar a sua vontade e identidade para a humanidade é coerente com o que já tem revelado, e também será coerente. A dificuldade e responsabilidade presente àquele que sente alguma revelação específica é de averiguar que seja realmente revelação de Deus, e não de qualquer outra fonte. Conhecendo bem a revelação divina registrada na Bíblia, pode-se medir com melhor precisão a coerência de alguma outra revelação específica.

É nestes padrões mais do que em qualquer outro sentido que se toma a Bíblia por revelação suprema. Ela foi atestada por gerações, sempre modificando as vidas de fiéis comprometidos a seu estudo e aplicação. Por consequente, a Bíblia é a base para comparar e corrigir outras fontes de orientação espiritual, sendo o centro para a averiguação da mensagem de Deus¹⁰⁴.

A Bíblia na Teologia:

Na introdução, já se viu algo da dependência que a teologia deve ter na Bíblia. Deve-se, no entanto enfatizar essa dependência, retratando o uso devido da Bíblia como revelação suprema de Deus. É muito comum o citar e referenciar versículos ou referências bíblicas no apôlice a certos posicionamentos teológicos ou práticos da vida cristã. Menos comum, porém, é começar com o

¹⁰³ Isaías 40.7.

¹⁰⁴ Em Atos 17.11 pode-se ver o exemplo dos judeus em Bereia, que não apenas receberam a mensagem de Paulo, mas foram sobre um espaço de tempo considerável procurar diariamente nas escrituras (revelação já dada—o Antigo Testamento, no caso) para averiguar se a mensagem de Paulo era ou não coerente com o que Deus já havia revelado para o Seu povo. O princípio da coerência da revelação divina aqui é o aspecto mais notável da passagem. Veja também a passagem de Lucas 24.25-28, onde Jesus exemplifica o princípio de coerência, apelando aos profetas e a Torá para mostrar que a morte do Messias era coerente e já tinha sido revelado como necessário.

texto bíblico e depois desenvolver o posicionamento ou prática. Muitas vezes isso se deve ao simples fato de não se fazer uma rotina de estudo bíblico contextual.

A exemplo deste ponto, pode-se ver como no contexto evangélico atual se utiliza da frase “tudo posso naquele que me fortalece”¹⁰⁵. A frase é empregada no sentido de Deus fortalecer o indivíduo para realizar ou enfrentar qualquer tarefa ou desafio à mão, sendo que é o indivíduo que escolhe o rumo a seguir. No contexto de Filipenses, Paulo emprega a frase no sentido de dar frente às dificuldades ou necessidades materiais de fome, pobreza e frio.

Em outro contexto, ouve-se muito as palavras de Jesus, dizendo “on dedoisou três estiverem reunidos em meu nome ali estarei”¹⁰⁶. O sentido das palavras de Jesus não tem vínculo com o haver um grupo pequeno de irmãos para adorarem a Deus ou estarem confiados da presença de Deus em seu meio. A colocação tem referência à reconciliação de irmãos sendo unidos por causa do amor de Cristo. É neste laço de reconciliação que Jesus se faz presente. O “reunir” do versículo deve ser lido no contexto do constrangimento e a ofensa que se faz necessário o perdão e o arrependimento.

Estes dois exemplos são de textos comumente citados fora de seus contextos temáticos. A prática teológica comum não se restringe a abusar destes dois textos, mas é comum ver outras passagens distorcidas pelo sentido aparente de um versículo isolado. Tal é o problema de fazer teologia com base no uso de uma concordância, procurando textos que apóiam o posicionamento do pesquisador. A norma que deveria ser seguido é de fazer estudo de passagens que tratam a temática à mão e logo procurar para ver se de fato há outras passagens que DISCORDAM da perspectiva que se formulou.

Lembra-se que a Bíblia não é uma coletânea de versículos que servem para defender argumentos. A Bíblia é composta de livros e cartas que trazem as suas próprias temáticas e defendem os seus próprios posicionamentos, colocando suas próprias argumentações. Por questão desse aspecto da natureza do texto bíblico, é indispensável que se faça um estudo criterioso da Bíblia que respeita as temáticas das passagens estudadas dentro do contexto dos livros e das cartas dos quais fazem parte.

Na área de estudos veterotestamentários, vinha-se até pouco colocando muita ênfase na dissecção do texto entre as linhas de tradições ou fontes componentes do texto atual. Mesmo alguns dos eruditos engajados no esforço de compreender as fontes ou linhas de transmissão do texto retratavam da necessidade de seguir a uma compreensão do texto completo, o complexo escrito na forma canônica atual. Esta linha de pesquisa sobre o texto como um todo vem crescendo mais recentemente, procurando definir os temas gerais ou até as complexas ou perspectivas teológicas dos livros bíblicos como obras completas. Infelizmente, a prática teológica nas igrejas evangélicas persiste em dissecar as obras completas, reverenciando mais o versículo individual do que a abrangência da unidade literária.

Na época da Reforma, a Bíblia tomou lugar central na vida e no ensino daqueles que protestavam os abusos da Igreja Católica. A Bíblia era usada rigidamente na pregação, no ensino e na teologia. Zuínglio até memorizou o texto grego das epístolas de Paulo¹⁰⁷ e logo na sua pregação não aceitou mastigar o texto empedacinhos quebrantados, mas expus aos seus ouvintes o próprio

¹⁰⁵ Filipenses 4.13.

¹⁰⁶ Mateus 18.20.

¹⁰⁷ GEORGE, 113.

texto bíblico. Foi esta proclamação da Palavra de Deus o fator que mais incendiou a reforma em Zurique¹⁰⁸.

Se for necessário改革na igreja atual, a Palavra de Deus deveria de ser não somente o motivo da reforma, mas também o seu agente. A teologia propõe conhecer a Deus e a Sua vontade, o qual é mais certo a partir do testemunho da Bíblia do que em qualquer outra parte. Não adianta tomar uma posição destes, no entanto, sem praticar o estudo e a pregação da Bíblia em todo aspecto da vida cristã e eclesial. Na prática, é isso mesmo que se costuma fazer.

Em muitos casos, a pregação rotineira não passa muito além de ser uma expressão do ponto de vista do pregador com alguma referência bíblica lhe servindo para lançar a temática do sermão. Se a Bíblia for dado o seu lugar devido, ela deve tanto corrigir os erros da igreja tanto na vida comunal como também no individual. De certo, a Bíblia é rigorosa em “pegar no pé” do ouvinte como fez o profeta Natã no caso de Davi¹⁰⁹ e também Paulo chamando por nome em carta pública à igreja duas irmãs culpadas de liderar uma divisão da igreja¹¹⁰, para não mencionar as palavras duras de Jesus¹¹¹.

A Bíblia deve não apenas ter uma posição elevada em termos teóricos, mas igualmente em termos do seu uso, seja no estudo pessoal, na pregação, no ensino ou no culto. De outra forma, apela-se novamente a uma volta para a época antes da reforma, onde o pensamento humano e a prática normal servem de autoridade para a igreja.

Trindade:

“A doutrina da Trindade não é uma especulação complicada que tenha surgido na mente de teólogos ociosos, mas é o esforço de explicar com conceitos adequados aquilo que se constitui uma experiência diária na vida da igreja do Novo Testamento”¹¹². Ao mesmo tempo, é um conceito difícil, pois a identidade trina de Deus é além da experiência humana e de sua compreensão plena.

Para tratar a questão da Trindade de Deus, é necessário estabelecer algumas regras interpretativas referentes aos textos bíblicos a serem tratados. Isto para estabelecer que se esteja tratando com dignidade a intenção autorial/redatorial do texto à mão. Houve muito conflito nos primeiros séculos referente à elaboração do conceito triuno, as dificuldades girando em torno de manter em linha os pensamento heréticos e definir o que se podia chamar correto. Na história houve dificuldades mais do que nada com duas posições heréticas que anulavam ou a união de Deus (três deuses), ou a distinção entre as “pessoas” de Deus (geralmente negando divindade a Jesus e o Espírito)¹¹³.

¹⁰⁸ *Ibid.*, 127.

¹⁰⁹ 2º Samuel 12.1-14.

¹¹⁰ Filipenses 4.1-3.

¹¹¹ Em João 6.60 o autor refere-se a conceitos de difícil compreensão, mas em Mateus 5.1-7.29 o ensino não é prazeroso e em Mateus 21.29-23.39 as palavras contra os líderes judaicos são stringentes.

¹¹² URETA, 55.

¹¹³ BERKHOFF, 80.

- Por Trindade, não comprehende-se três deuses, mas “que o Pai, e o Filho, e o Espírito, são um e único Deus”¹¹⁴;
- Não se deve fazer tanta distinção entre as “pessoas” tal que haja diferenciação de “centros decisivos”;
- Não se deve subordinar nenhuma das “pessoas” de Deus a outra¹¹⁵.

A expressão do conceito trinitário deve-se principalmente à preocupação da igreja primitiva na definição da divindade de Jesus Cristo. Com esta preocupação, deu-se polêmica entre o monoteísmo exclusivo e questões de triteísmo, modalidade divina, diminuição de divindade (subordinação), e negação da divindade de Cristo. A definição trinitária, portanto, expressa primeiramente uma segurança da divindade do Filho e do Espírito em conjunto ao Pai. Esta foi a preocupação maior da igreja ao desenvolver as suas definições parciais nos primeiros concílios¹¹⁶.

Voltando a um gráfico já utilizado quando detalhando as limitações do leitor para com o texto bíblico, é útil lembrar da fragilidade e finitude humana perante a tentativa de descrevê-lo. Tal é ainda mais necessário quando ao mesmo tempo em que Jesus é humano, ele é completamente Deus. A qual se trabalha aqui neste gráfico é de que em termos qualitativos (essência, substância, caráter, etc.) Jesus é cem por cento Deus, ainda que limitado em questões quantitativos da expressão divina. Como um plano geométrico não cabe dentro de uma linha unidimensional, Deus não cabe em termos quantitativos na expressão humana de Jesus. Jesus é Deus, mas Deus é mais do que se pode enxergar em Jesus.

Esta ilustração tem seus limites, pois não consegue expressar a submissão descrita em Filipenses 2.5-11. Mesmo que essa submissão seja visto em termos do aspecto humano de Jesus ou em termos de submissão à vontade pré-estabelecido (o que seria mais uma questão de auto-disciplina do que submissão em si), o gráfico não chega a expressar o conceito completo. A questão do Espírito, ou Sopro do Santo, nem chega a figurar no gráfico. Há certas delimitações para a definição do conceito que devem ser obedecidas, em essência sendo manter a completa divindade e união de Deus ao mesmo tempo de refletir um aspecto singular da manifestação de *YHWH* (יהוָה) entre o seu povo.

Poderia-se falar que a distinção básica feita no Novo Testamento segue a seguinte demarcação em termos gerais, porém deve-se deixar margem para um emprego diferenciado em passagens individuais:

¹¹⁴ Bromiley em ELWELL, 576 e GEORGE, 199.

¹¹⁵ Mesmo que Filipenses 2.5-8 trata da submissão de Jesus, o versículo 9 coloca sobre Jesus um “nome sobre todo nome”, o que não deixa o referencial “Deus” nem “Pai” acima do referencial “Filho”. Jesus é posto em posição de adoração por todos nos céus e na terra e debaixo da terra para a glória (revelação, manifestação) de Deus Pai. Aqui não há nem subordinação, nem distinção completa entre Pai e Filho.

¹¹⁶ TILlich, 604-605.

“Pessoa”	Aspecto principal da designação:
<i>Pai</i>	<i>A supremacia de Deus, assentado em poder no seu trono, porém relacionando-se em amor com a criatura humana.</i>
<i>Filho</i>	<i>A presença física de Deus, com rosto humano, visível e tangível.</i>
<i>Sopro (Espírito)</i>	<i>A presença percebida mas intangível de Deus; o seu soprar sobre o indivíduo, tal como manifesto nos profetas Elias e Eliseu.</i>

Na formulação da Trindade, usa-se o termo “pessoa” para identificar os três aspectos descritos de Deus. Deve-se tomar o cuidado para lembrar o sentido do termo da formulação origina. A palavra latina, *persona* referenciava a máscara usada por um ator ao representar um papel numa peça dramática¹¹⁷. “O Filho é ... tão Deus como o Pai; e o Espírito é tão Deus como o Filho e o Pai”¹¹⁸. As frases variadas que retratam conceitos trinos no Novo Testamento podem até variar em sua ordem, assim espelhando ainda mais o conceito da unidade de Deus, pois não há nenhum comprometimento do monoteísmo nos retratos trinos neotestamentários¹¹⁹.

“Podemos distinguir pelo menos três fatores que levaram ao pensamento trinitário na história da experiência religiosa: primeiro, a tensão entre o elemento absoluto e concreto em nossa preocupação única; segundo, a aplicação simbólica do conceito de vida ao fundamento divino do ser; e terceiro, a tríplice manifestação de Deus como poder criador, como amor salvador, e como transformação extática. É o último desses três que sugere os nomes simbólicos Pai, Filho e Espírito; mas sem os dois motivos anteriores para o pensar trinitário, o último grupo só levaria a uma mera mitologia”¹²⁰.

Deve-se lembrar que a fé neotestamentária é coerente com o Antigo Testamento¹²¹, Jesus dando seqüência ao testemunho de Deus estabelecido no mesmo¹²². Trabalha-se, portanto como ponto de partida a unicidade de Deus, não havendo outro para comparação com *YHWH* (יְהוָה). Assim, “o Novo Testamento conhece a Deus como Pai, Filho, e Espírito Santo, mas conhece a Deus como um só”¹²³. “A teologia do Novo Testamento, consequentemente, concerne o Deus triuno, mas esta preocupação é basicamente cristológica.”

A manifestação de Deus na carne equivalia para Calvin o Deus em termos de Sua totalidade, não um entre três. Calvin dava, portanto, preferência ao conceito de três subsistências, em vez de divisões entre as pessoas da Trindade¹²⁴. Tal reflete de forma melhor o testemunho bíblico da união com o Pai expressa por Jesus no Evangelho de João. Reflete melhor também a substituição feita em vários textos da definição da presença interna de Cristo versus o Paráclito de João 14.16-17.

¹¹⁷ MCKAY, 85.

¹¹⁸ URETA, 62.

¹¹⁹ MOODY, 118.

¹²⁰ TILLICH, 601.

¹²¹ Em 1^a Coríntios 8.6, Paulo afirma ao igual com Deuteronônio 6.4, que há um só Deus.

¹²² Mateus 5.7, Lucas 16.29; 24.26-27.

¹²³ STAGG, 39.

¹²⁴ GEORGE, 200.

Alguns interpretam o lamento de Jesus na cruz “porque me desamparastes” como descrevendo um real abandono do Filho pelo Pai. Tal degenera a um conceito de dois deuses, um tendo amor para com a humanidade e o outro inimigo. Tal interpretação não é permitida pelo Novo Testamento, especialmente pelo evangelho de João. “Deus não nos ama porque Jesus morreu por nós; Jesus morreu por nós porque o Pai nos amou”¹²⁵. O texto de Mateus e também de Marcos indicam que Jesus estava fazendo uma citação aramaica, pois primeiramente transliteraram as suas palavras em caráteres gregos e logo as traduzem ao grego. A expressão bem provavelmente referencia o Salmo 22, esta frase servindo basicamente como o título do Salmo. Ao fazer tal citação, o judeu referenciava o Salmo em sua íntegra, não apenas a frase específica. Tal é ainda mais importante lembrar no contexto da crucificação, onde cada respirar é uma luta. Se for esta a indicação de Jesus, é uma exclamação de vitória, não de perda e abandono!

Como também em Apocalipse 5.6-7 ao Cordeiro é dado autoridade basicamente indistingüível de Deus Pai¹²⁶, deve-se lembrar que na cruz não é apenas o Filho que fala, mas o próprio Pai. O Pai está presente em Gólgota. “Se em Jesus está a suprema manifestação de Deus, então na cruz deve mos ver a Deus—o Pai e o Filho—em amor que sofre e redime”¹²⁷.

Em João capítulos 1, 8 e 14 pode-se ver a questão da união real de Jesus e o Pai. Jesus é o verbo Deus que cria carne e habita entre a humanidade. Jesus é o “Filho de Deus”¹²⁸ e o “Eu Sou” desde antes de Abraão¹²⁹. Jesus é um com o Pai de tal forma que quem vê a Jesus vê ao Pai de forma indistinguível¹³⁰. De início é nestes termos que se define, descreve, ou dialoga a formulação da doutrina trinitária. Como na história da igreja e o desenvolvimento do conceito, foi na definição e defesa da divindade de Jesus que surgiu a definição do conceito trinitário. Junto com a defesa da divindade de Jesus (sem distinção categórica com o Pai, seja sem subordinação) vem a defesa do Espírito (ou Sopro de Deus) como sendo igual ao Filho¹³¹.

“A afirmação de que três é um e um é três foi (e em muitos lugares ainda é) a pior distorção do mistério da Trindade”¹³². Não se trata de três deuses (triteísmo), nem de um só Deus sem distinção interna qualquer, nem tampouco de modalidades de um só Deus. Deus é um (em termos numéricos), mas se revela e se relaciona com o ser humano de três formas ou maneiras de expressão (máscaras de um ator no uso do termo latin, *persona*)¹³³.

Deve-se tomar cuidado para não forçar as distinções pessoais da Trindade, pois mesmo as funções que se designa como as principais do Sopro de Deus (Espírito ou Ruach) numa passagem podem ser características do Filho em outra, mesmo alternando numa passagem em identificar a presença interna de Cristo com o Sopro de Deus¹³⁴. Em Gálatas 2.20 Paulo diz que Cristo vive nele, enquanto que João relatava que Jesus deixaria o Sopro de Deus nos discípulos, conforme também Lucas em Atos 1.8. No contexto maior de Gálatas, Paulo trata seu argumento em duas etapas, primeiramente falando do início de fé sendo em Cristo, e logo atribui o início a viver sob o Sopro de Deus¹³⁵. Para Paulo não parece haver muita distinção entre Cristo, Sopro, Sopro de

¹²⁵ STAGG, 131; veja também Romanos 5.8.

¹²⁶ John R. Miles “Lamb” em FREEDMAN.

¹²⁷ STAGG, 144.

¹²⁸ Lembra-se que no conceito hebraico a expressão filho iguala ao pai como também na expressão “filho de peixe peixinho é”.

¹²⁹ João 8.58-59.

¹³⁰ João 14.8-11.

¹³¹ João 14.16-26; 16.7-15.

¹³² TILLICH, 602.

¹³³ HARBIN, *ESBHI*, 41, INCH, 96 KELLY, 85 e MCKAY, 85.

¹³⁴ Romanos 8.9-11.

¹³⁵ Gálatas 2.16-3.5.

Deus, Sopro de Cristo, a não ser na visualização de Jesus como homem na terra ou especificamente retratando o evento da crucificação.

Existem muitas maneiras que os homens tentaram exemplificar o conceito da Trindade, como da água refletindo três formas ao mesmo tempo, sempre sendo água (gelo, líquido e vapor). Houve pior uso das três partes do ovo que só em conjunto formam o ovo. Há quem gosta de explicar que o sol é luz, calor e esfera, mas sempre sol. Estas e outras formas de ilustrar o conceito simplesmente não fazem justiça ao retrato bíblico de Deus. O conceito é difícil de entender, se é que se pode compreender o conceito. Deus é muito além de uma tentativa humana para que seja explicado de qualquer forma simples. O finito não O pode compreender.

Nestes termos, deve-se lembrar que Deus não obedece as categorias humanas estabelecidas para definir e delimitar a sua existência. Mesmo quando as nossas definições tem origem no texto da Bíblia, são limitadas em oferecer um retrato detalhado de Deus. O essencial que precisa ser revelado pode ser apreciado, mas definições precisas vão além do limites da linguagem e da compreensão humana como também da revelação proveniente de Deus.

Bibliografia:

BAILLIE, Donald M. *Deus Estava em Cristo: Ensaio Sobre Encarnação e Exiação*. Tradução de Jaci Correia Maraschin. Rio de Janeiro: JUERP/ASTE, 1983. (original em inglês, 1955).

BERKHOFF, Louis. *Teologia Sistemática*. Tradução de Odacyr Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990. (Original em inglês, 1949). [Obra clássica de teologia sistemática de linha presbiteriana. O autor foi professor e presidente da Calvin Seminary, B. D. de Princeton.].

BRUEGEMANN, Walter. *Genesis: Interpretation, a Bible Commentary for Teaching and Preaching*. Atlanta: John Knox Press, 1982. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Parte de uma série de comentários presbiterianos, o autor é professor na Columbia Theological Seminary. Segue uma linha interpretativa evangélica moderada. É pastor da United Church of Christ.].

BUTLER, Trent C. *Word Biblical Commentary, Volume 7: Joshua*. Waco, TX: Word Books, Publisher, 1983. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Série de comentários de conselho editorial batista que preserva alto conceito da autoridade bíblica enquanto trata questões interpretativas com alto nível de erudição. O autor é Ph.D. da Vanderbilt University, com estudos de pós-doutorado em Heidelberg e Zurich. Foi professor de Antigo Testamento no Baptist Theological Seminary of Rueschlikon.].

CONNER, Walter Thomas. *Revelação e Deus, segunda edição*. Tradução de Almir S. Gonçalvez. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

DAVIDSON, A. B. *International Theological Library: The Theology of the Old Testament*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1904. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Recurso mais antigo, o autor foi teólogo escocês da New College de Edinburgh, esta obra sendo impressa depois de sua morte utilizando os seus manuscritos e suas anotações. Apresenta uma linha básica de estudos antigos do Antigo Testamento, devendo ser lido à luz de exposições mais recentes.].

DURHAM, John I. *Word Biblical Commentary, Volume 3: Exodus*. Dallas, TX: Word Books, Publisher, 1987. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Série de comentários de conselho editorial batista que preserva alto conceito da autoridade bíblica enquanto trata questões interpretativas com alto nível de erudição. O autor foi professor de Hebraico e Antigo Testamento no Southeastern Baptist Theological Seminary com Ph.D. de Oxford e estudos de pós-doutorado em Heidelberg, Oxford, Zurich e Jerusalém.].

ELWELL, Walter A., editor. *Encyclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, volume I, A-D*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1990. (original em inglês, 1984).

_____, editor. *Encyclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, volume II, E-M*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1990. (original em inglês, 1984).

ERICKSON, Millard J. *Christian Theology, Unabridged in one volume*. Grand Rapids: Baker BookHouse, 1996. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).

_____. *Introdução à Teologia Sistemática*. traduzido por Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. (Original em inglês, 1992). [Esta obra é um resumo simplificado da obra mais completa *Christian Theology*.].

FREEDMAN, David Noel, editor. *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1997, 1992, [Online] Available: Logos Library System. [Dicionário bíblico em seis volumes, produzido por uma banca com cerca de mil contribuintes, eruditos em suas respectivas áreas de estudo e contribuição.]

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. Tradução de Gérson Dudus e Valéria Fontana. São Paulo: Edições Vida Nova, 1994. (original em inglês, 1988). [O autor procura posicionar as perspectivas teológicas dos reformadores no seu contexto original para resgatar a essência da contribuição teológica de cada. O autor é batista, Ph. D. da Harvard University, com estudos de pós-doutorado na Suíça, era professor da Southern Baptist Theological Seminary em Louisville. É deão da Escola de Divindades na Universidade Samford. Nesta obra, ele procura clarificar as contribuições teológicas específicas dos reformadores em face a certa confusão contemporânea a respeito das mesmas, resgatando princípios válidos de suas reflexões teológicas.].

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. Traduzido por Norio Yamakami, Lucy Yamakami, Luiz A. T. Sayão, e Eduardo Perreira e Ferreira. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999. (Original em inglês, 1994). (páginas 1-104, 165-197). [O autor é professor da Trinity Evangelical Divinity School, Ph.D. da Cambridge University. Escreve de uma perspectiva evangélica conservadora.].

HALE, Broadus David. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento, 3ª Edição*. Tradução de Cláudio Vital de Souza. Rio de Janeiro: JUERP, 1989.

HALLEY, Henry H. Tradução de David A. Mendonça. Ampliação, revisão e atualização de Gordon Chown. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.

HARBIN, Christopher Byron. *Teologia das Narrativas*. Porto Alegre: sem gráfica, apostila produzida em várias edições a partir de 1998.

HARBIN, L. Byron. *A Teologia do Antigo Testamento 1*. apostila não publicada, recebida em forma eletrônica (TAT1APO7.doc), citações da edição de julho de 1999. [O autor foi missionário batista no Brasil por quase 30 anos, Th.D. em Antigo Testamento do New Orleans Baptist Theological Seminary, professor na Faculdade Teológica Batista em São Paulo e no Seminário Batista do Norte do Brasil, pai do autor da obra presente. Primeira apostila de uma série de duas partes referentes ao estudo teológico do Antigo Testamento, formando a base de livro texto ainda a ser publicado. Trata de forma avaliativa as correntes atuais e históricas com posicionamentos críticos novos.].

_____. *O Espírito Santo na Bíblia, na História, na Igreja*. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.

_____. "RE: Êxodo 3", Carta recebida em forma de correio eletrônico, 28 de maio de 1998. [Correio eletrônico em resposta a certas colocações específicas referente a Êxodo 3.].

INCH, Morris A. *Saga of the Spirit: A Biblical, Systematic and Historical Theology of the Holy Spirit*. Grand Rapids: Baker Book House, 1985. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).

KAISER, Walter C. Jr. *Teologia do Antigo Testamento, 2ª edição, Revisada*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1997. (Original em inglês, 1978). [Tendo atuado no passado como deão da Trinity Evangelical Divinity School, o autor é professor de Antigo Testamento e línguas semíticas na Gordon-Conwell Theological Seminary, com Ph.D. da Brandeis University. O livro apresenta um estudo das reflexões teológicas do Antigo Testamento, com respeito à autoridade e integridade da Bíblia, seguindo parâmetros evangélicos. Apresenta a promessa messiânica como sendo o centro unificador da teologia do AT.].

_____. *Toward an Exegetical Theology: Biblical Exegesis for Preaching and Teaching*. Baker Book House: Grand Rapids, 1981. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [O livro reclama a necessidade de aproximar a pregação e a teologia de um estudo bíblico exegético coerente.].

KEELEY, Robin, organizador. *Fundamentos da Teologia Cristã*. Traduzido por Yolanda Krievin. São Paulo: Editora Vida, 2000. (Original em inglês, 1992).

KELLY, J. N. D. *Doutrinas Centrais da Fe Cristã: Origem e Desenvolvimento*. Traduzido por Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Edições Vida Nova, 1994.

- LASOR, William S., David A. Hubbard e Frederic Bush. *Introdução ao Antigo Testamento*. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999. (Original em inglês, 1996). [Os autores foram professores de Antigo Testamento na Fuller Theological Seminary, colaborando em conjunto com seis outros eruditos no campo para a formulação desta obra. O livro reúne, portanto, de perspectiva erudita e evangélica, o melhor de estudo crítico do texto veterotestamentário, com apreciação da autoridade bíblica em conjunto com um compromisso pessoal com Deus.].
- LEVENSON, Jon D. *Creation and the Persistence of Evil: The Jewish Drama of Divine Omnipotence*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [O autor é judeu, professor de estudo judaicos da Harvard Divinity School, proferindo de perspectiva judaica uma teodicéia coerente com definições apropriadas ao pensamento hebraico, judaico e cristão antigo. Deve-se levar em consideração que ele trata mais a questão do pano de fundo por detrás do texto bíblico atual do que a própria forma existente do texto.].
- LOWRY, Charles W. *The First Theologians*. Chicago: Gateway Editions, 1986. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- MAYS, James L., editor geral. *Harper's Bible Commentary*. San Francisco: Harper & Row Publishers, 1988. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Comentário de boa erudição, porém limitada como qualquer comentário de um só volume. Apresenta uma perspectiva de erudição sem vínculo confissional, sendo publicada por editora secular para o mercado religioso geral. O editor é presbiteriano e professor da Union Theological Seminary em Richmond, Virginia.].
- MCKAY, David Company, Inc. *Handy Dictionary of the Latin and English Languages: With an Appendix of Latin, Geographical, Historical, and Mythological Proper Names*. New York: David McKay Company, Inc., 1958. [Dicionário bilingüe simples e básico de latim e inglês.].
- MILNE, Bruce. *Ensinando as Doutrinas Bíblicas*. Traduzido por Neyd Siqueira. São Paulo: ABU Editora, 1996. (Original em inglês, 1982).
- MOODY, Dale. *Word of Truth, The: A Summary of Christian Doctrine Based on Biblical Revelation*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1981. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin).
- NEUSNER, Jacob e Bruce D. Chilton. *Revelation: The Torah and the Bible*. Valley Forge, Pennsylvania: Trinity Press International, 1995. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Neusner é judeu, professor de estudos religiosos na University of South Florida. Chilton é cristão, professor de Novo Testamento e judaísmo na Bard College. Juntos, dialogam referente aos seus respectivos conceitos de Revelação divina para que haja enriquecimento aos dois lados.].
- PRICE, Ira Maurice. *The Dramatic Story of the Old Testament*. New York: Fleming H. Revell Company, 1935. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Professor de Antigo Testamento da University of Chicago e Ph.D., o autor apresenta um bom esboço de estudo veterotestamentário segundo a época de sua atuação. Em face da data da obra, há muito de novo a ser acrescentado à sua apresentação. O estudo apresenta de forma criteriosa a base na qual outros trabalharam mais recentemente. A linha é de boa erudição coerente com um compromisso sério com a Bíblia sendo revelação divina.].
- RIENECKER, Fristz e Cleon Rogers. *Chave Lingüística do Novo Testamento Grego*. Traduzido por Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabatiero. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995. (traduzido da versão em inglês de 1980, original em alemão, 1970).
- ROBINSON, H. Wheeler. *The Religious Ideas of the Old Testament, Second Edition, Revised*. London: Gerald Duckworth & Co., 1959. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [O autor trata linhas interpretativas básicas referente ao Antigo Testamento, a partir de sua época de pesquisa. D.D. da virada do século XX, a primeira edição do livro foi publicada em 1913, apresentando conceitos básicos de teologia hebraica que formam a base de estudos posteriores. O texto foi revisto e acrescentado em 1956, na base de estudos mais recentes, por um professor da University of Oxford.].
- SCALISE, Charles J. *From Scripture to Theology: A Canonical Journey into Hermeneutics*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Professor de história cristã, o autor é pastor batista e apresenta alto respeito para com o texto bíblico como palavra de Deus. O livro é uma síntese de um tratamento mais técnico dado em outro livro pelo autor. A tese básica é de retomar a necessidade de estudar o texto bíblico à luz da qualidade canônica que o cristão atribui à Bíblia, sendo ela regra de fé e de prática.].
- SILVA, Moisés. *Biblical Words and their Meaning: An Introduction to Lexical Semantics, Revised and Expanded Edition*. Zondervan Publishing House: Grand Rapids, 1994. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [O autor é Ph.D. da Manchester University e professor de Novo Testamento da Westminster Theological Seminary na Philadelphia. Trata de perspectiva erudita e evangélica de princípios hermenêuticos referentes ao uso léxico e semântico de palavras no texto bíblico.].

SOGGIN, J. Alberto. *Old Testament Library: Introduction to the Old Testament, Second Edition, Revised and Updated*. traduzido por John Bowden. Philadelphia: Westminster Press, 1976. (Original em italiano, 1974). (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Professor de Teologia do Antigo Testamento na Waldensian Theological Faculty de Roma, o autor trata seriamente o texto bíblico, discriminando entre pontos onde deve-se pisar com cuidado e outros onde pode-se tomar posições adequadas capazes de serem sustentadas. Abrange muito bom estudo crítico do Antigo Testamento. O livro faz parte de uma série de comentários eruditos referentes ao Antigo Testamento de imprensa presbiteriana.].

STAGG, Frank. *New Testament Theology*. Nashville: Broadman Press, 1962. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Livro de Teologia do Novo Testamento por professor da Southern Baptist Theological Seminary. O autor foi também professor da New Orleans Baptist Theological Seminary durante vinte e quatro anos. Foi Ph. D. da Southern Baptist Theological Seminary, com estudos de pós-doutorado em Edinburgh e na Suíça.].

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática, Três Volumes em Um*. São Paulo: Edições Paulinas – Editora Sinodal, 1984. (Original em inglês, 1964).

URETA, Floreal. *Elementos de Teologia Cristã*. Traduzido por Delcyr de Souza Lima. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. (Original em espanhol, 1988).

WENHAM, Gordon J. *Word Biblical Commentary, Volume 1: Genesis 1-15*. Dallas, TX: Word Books, Publisher, 1987. (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Série de comentários de conselho editorial batista que preserva alto conceito da autoridade bíblica enquanto trata questões interpretativas com alto nível de erudição. O autor é professor de Antigo Testamento em Cheltenham and Gloucester College of Higher Education na Inglaterra, com Ph.D. da Universidade de Londres e é também autor do comentário de Números da Série Cultura Bíblica.].

WOUDE, A. S., editor geral. *The World of the Old Testament*. Traduzido ao inglês por Sierd Woudstra. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1989. (Original em holandês, 1982). (Citações traduzidas por Christopher B. Harbin). [Professor de Antigo Testamento da University of Groningen, o editor lança uma introdução compreensiva do Antigo Testamento, segundo um largo espectro de opinião erudita. Focaliza a cultura do período refletido pelo Antigo Testamento, a fim de fazer o texto e a sua mensagem mais entendido. Esta tradução foi publicada por editora evangélica cristã.].

ZERO HORA. Caderno Sobre Rodas. Ano 35, Número 12.293, 2ª Edição, Quinta-feira, 15 de abril de 1999: Porto Alegre.

_____. Caderno Vestibular. Ano 35, Número 12.292, 2ª Edição, Quarta-feira, 14 de abril de 1999: Porto Alegre.